



MARIA HELENA ANDRÉS

CAPÍTULO 11 - DANÇA, MÚSICA, CINEMA, POESIA, TEATRO, LITERATURA E ARTESANATO



Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.

Está atualizado até outubro de 2023.

Os textos foram publicados nos blogs www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br

e www.mariahelenaandres.blogspot.com.br

APRESENTAÇÃO

Este capítulo reúne textos de Maria Helena sobre outras artes que não as artes visuais, que se encontram em capítulos específicos. Os textos abordam a dança, a música, a poesia, o teatro, a literatura, happenings e publicações que divulgam as artes e a cultura. Vivendo numa família com vários artistas, ela comenta realizações artísticas de familiares e eventos dos quais participou. Descreve atividades de centro de fomento às artes que oferece bolsas para artistas visitantes.

SUMÁRIO

1. DANÇA DAS MARÉS	5
2. JOANA & MARITO E AS SINAPSES DA DANÇA	7
3. UAKTI E PHILIP GLASS, UMA EXPERIÊNCIA NA EUROPA	8
4. UAKTI EM INHOTIM	10
5. UAKTI NO MÉXICO	12
6. UAKTI EM ROMA	14
7. UAKTI E BEATLES	16
8. TERRITÓRIOS DO BRINCAR E GRUPO UAKTI	18
9. ENSEMBLE, UM GRUPO MUSICAL	20
10. TRÊS MÚSICOS, TRÊS MENSAGENS	21
11. ALEXANDRE ANDRÉS, O MÚSICO	24
12. INTEGRAÇÃO DE DOIS GRUPOS MUSICAIS	26
13. O DESPERTAR DOS SONS	28
14. ALEXANDRE ANDRÉS E O GRUPO QUEBRA PEDRA	30
15. ALEXANDRE ANDRÉS, UM GIRO PELA ESPANHA, PORTUGAL E BRASIL	32
16. ALEXANDRE ANDRES E RAFAEL MARTINI NO JAPÃO	35
17. ALEXANDRE ANDRÉS E O ORIENTE	36
18. A FLAUTA DE ALEXANDRE ANDRÉS	38
19. LANÇAMENTO DO CD RÃ	41
20. MÚSICA FORA DOS PALCOS	42
21. HERMETO PASCOAL E A IMPROVISACÃO NA MÚSICA	45
22. PAUL MCCARTNEY EM BELO HORIZONTE	47
23. GEORGE IVANOVICH GURDJIEFF	49
24. GRUPO GURDJIEFF EM BELO HORIZONTE	51
25. A VOLTA AO MUNDO COM BETTINE CLEMEN	52
26. ARTE NAS MONTANHAS	54
27. WILSON FIGUEIREDO, O POETA	56
28. YEDA PRATES	59
29. ABHAY K., UM POETA DIPLOMATA	61
30. CAMINHOS DO JAZZ	64
31. STANISLAVSKI E BOAL	66

32. CARTAS POÉTICAS	69
33. CARTAS POÉTICAS NO GRUPO TERRA MATER	70
34. VOZ E POESIA	72
35. MORTE E VIDA SEVERINA	75
36. O BRANCO DO MUNDO	77
37. A RIBALTA DE LUCIANO LUPPI	79
38. CAMILLE CLAUDEL	82
39. MEMÓRIAS DE UM CÃO DE VIRGÍNIA WOOLF	86
40. CAMPANHA DE POPULARIZAÇÃO DO TEATRO E DANÇA EM BH	88
41. SUITE BURLESCA DOM QUIXOTE DE LA MANCHA	90
42. FESTIVAL VIVA JECEABA	93
43. A VOLTA AO MUNDO EM 80 MINIATURAS E ARTE SEM FRONTEIRAS	95
44. MEMÓRIAS DE UM CAVALETE	97
45. DOIS NADADORES, DOIS ARTISTAS – FERNANDO SABINO E CELIA LABORNE	98
46. HOMENAGEM A JOSÉ SARAMAGO	101
47. PISEAGRAMA, UMA IDEIA CIRCULANTE	103
48. REVISTA PISEAGRAMA NA BIENA DE ARQUITETURA EM VENEZA	105
49. GUARDANAPOS DE CRLOS STARLING	107
50. O TRABALHO DAS MÃOS	111
51. FORO ÍNTIMO, UM FILME DE RICARDO MEHEDFF	112
52. LOBOSTOCK	114
53. UM POEMA PARA AFONSO X, REI DE PORTUGAL	118
54. SOBRE A ORQUESTRA 415 DE MÚSICA ANTIGA	121
55. ANDRÉ SALLES COELHO	122
56. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO I	123
57. MEIOS DE COMUNICAÇÃO II	126
58. VIDA PLENA	130
59. QUINTETO “DONAS DA VOZ”	131
60. SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO SOBRE “O AMOR”	136

DANÇA DAS MARÉS



Fotos: internet

A arte, num reencontro feliz de ética com estética, busca a reeducação do ser humano nos diversos setores da sociedade. Escolhe os menos favorecidos como ponto de referência e alarga os seus horizontes para dimensões maiores. Busca os espaços onde a violência é uma constante, ali levanta o seu estandarte de paz. Exemplo disto é o espetáculo de dança e música dirigido pelo coreógrafo paulista Ivaldo Bertazzo. Ele foi apresentado no SESC Tijuca, no Rio de Janeiro em parceria com o grupo UAKTI de Belo Horizonte.

A Dança das Marés foi inspirada na dança Kathakali, original do estado de Kerala, no sul da Índia. Ivaldo Bertazzo é estudioso da filosofia da Índia e de lá trouxe inspiração para essa coreografia. Na Índia, as apresentações de dança são acompanhadas ao vivo por um conjunto musical. Para esse projeto foram convidados dois mestres músicos da Índia a fim de orientar os jovens: um tocador de tabla e uma dançarina indiana de Kathakali, que permaneceram dois meses no Brasil. A dança da Índia expressa simbolicamente o desejo da alma individual de alcançar a Unidade com o infinito, ou a alma do Universo. Através da música e da dança, esse objetivo é alcançado e o estado de Ananda, ou Bem-aventurança, vivenciado pelo dançarino ou o músico, é transmitido à plateia.

No SESC Tijuca foi armado um palco semicircular, todo em tons de terra. O público, assentado nas arquibancadas, estava também dentro do imenso palco. Um tapete esticado no chão dava

passagem para o público que subia os degraus da arquibancada, lotando o anfiteatro. Observamos o espaço, a sobriedade de recursos usada pelo cenógrafo, a iluminação e o núcleo reservado aos músicos, com os instrumentos do grupo UAKTI arranjados como uma instalação. No centro do palco, uma bola dourada se mantinha suspensa por um cordão de aço, como um enorme pêndulo reluzente. A dança seguia o ritmo dos tambores e flautas, harmonizando os passos com os sons dos instrumentos criados com tubos e marimbas. A Dança das Marés, com seus jovens componentes que moravam na favela da Maré, no Rio de Janeiro, nos fazia refletir sobre o papel da arte neste princípio de milênio.

A função da arte em sua essência é a transformação do ser humano. Essa transformação é obtida no próprio exercício da arte, no movimento que conduz o corpo de forma harmoniosa ao encontro de seu próprio self. Os iogues se tornam um com o universo através da meditação. Os músicos e dançarinos também realizam essa união, conjugando o movimento do corpo com a vibração do som. O encontro do Oriente com o Ocidente, que veio se processando de forma acelerada no final do século XX, tem agora a grande possibilidade de realizar a síntese planetária.

20 de dezembro de 2013

JOANA & MARITO E AS SINAPSES DA DANÇA



Fotos: Marito Olsson-Forsberg, Markus Kinnunen e Imre Szbrik

Joana Ribeiro e Marito Olsson-Forsberg se encontraram em 2005 em Paris. Ela, mineira, nascida na Bélgica e ele na Suécia, foram se esbarrar no Departamento de Dança, da Universidade de Paris-8, na França, onde desenvolviam, respectivamente, pesquisas sobre o coreógrafo Klaus Vianna (1928-1992) e o tango argentino. Da sala de aula para as salas de ensaio foi um pulo, e o primeiro trabalho criado foi o duo de dança *Sinapse*, apresentado no 3º Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, em 2009.

Sinapse surgiu do desejo de levar a dança contemporânea para as ruas, viabilizando sua apresentação para um público eclético. Com base na manipulação de objetos, na mímica e nas danças populares, representa os três tempos de uma relação amorosa: o encontro, a maturidade e a transcendência. A trilha sonora é composta por músicas de Rossini, Naná Vasconcelos, Machito e Fá do Tuiuti. Mais do que uma representação típica da cultura brasileira, *Sinapse* procura retratar um tipo ingênuo e uma mulher cosmopolita, arquétipos reconhecidos tanto no Brasil, quanto no estrangeiro, facilitando a recepção desta dança, em países como Suécia, França e Cuba.

O segundo projeto que Joana & Marito vem desenvolvendo desde 2005 é o *Cabaré Satie* – uma montagem para o público infanto-juvenil inspirada nas peças do compositor Erik Satie (1866-1925). O clima remete aos cabarés parisienses, como o *Chat Noir* (Gato Negro) em que Satie costumava tocar piano. Através de esquetes, armadas como quadros-mecânicos de uma caixinha musical, o espetáculo compõe um delicado recital dançante, sempre com a participação de um pianista convidado. *Cabaré Satie* já foi apresentado em Paris, na Suécia e no Rio de Janeiro.

O projeto que desenvolvem no momento é CANGAS, um jogo coreográfico inspirado nas cangas que colorem as praias cariocas. É um trabalho que utiliza 60 cangas com diversas estampas através de procedimentos de performance. Três ações básicas servem de mote para a dança: a imagem estampada, a canga como objeto de vestir e a relação do tecido com o ar. Dispostas no chão, como cartas de um baralho, num dispositivo similar àquele utilizado pelos vendedores ambulantes nas praias cariocas, as cangas formam um grande tapete, como um mosaico de estímulos para a

dança a ser criada. O projeto CANGAS já foi levado para a UNIRIO, onde Joana leciona no curso de teatro; e na Suécia, onde foi encenado pelos bailarinos da cooperativa Rørelsen (<http://www.rorelsen.com/>), fundada por Marito. Ah, a palavra sueca *rørelsen* significa “movimento” em português.

Casados desde 2008, Joana & Marito lecionam dança e análise do movimento na Escola e Faculdade Angel Vianna e na Escola de Teatro da UNIRIO (RJ/Brasil), na Universidade de Paris-8 (França) e em Malmö (Suécia), além de atuarem no teatro como preparadores corporais. Buscam, nesse sentido, desenvolver suas trajetórias em três vertentes: a criação artística, o ensino e a pesquisa, buscando produzir novas sinapses (conexão entre dois neurônios que propaga impulsos nervosos) em dança.

22 de março de 2012

UAKTI E PHILIP GLASS, UMA EXPERIÊNCIA NA EUROPA



Fotos: Luciano Luppi, Alexandre Andrés e João Vargas

Enquanto o carro rodava em direção ao Retiro das Pedras, um CD também rodava, transmitindo sons de grande beleza. As estruturas sonoras crescentes criavam um estado de atenção para com o entorno. O nosso entorno, naquele momento era a estrada, as montanhas, o céu estrelado e os sons da música de Philip Glass com o Grupo UAKTI. O CD, denominado Órion, foi gravado em Atenas, junto à Acrópole. A constelação de Orion foi homenageada por Philip Glass por ser a única constelação que abrange dois hemisférios – sul e norte.

A apresentação na Europa teve como cenário um teatro grego ao ar livre, *Hecodicus Aticus* situado dentro da Acrópole. Antigamente os gregos ali apresentavam suas peças que até hoje perduram como patrimônio da humanidade.

Philip Glass procurou reunir representantes de todos os continentes, buscando uma integração da humanidade através da música. Ali podiam ser ouvidos sons do extremo oriente, da Austrália, Ásia, África, Europa e Américas. O hemisfério norte era representado por Philip Glass e um músico canadense e todo o hemisfério sul pelo grupo UAKTI. O sitar da Índia também ecoou na Acrópole, com uma composição de Ravi Shankar e Philip Glass. *Eleftheria Arvantaki*, vocalista grega, entoou um canto em prol da integração do planeta. Tambores africanos, instrumentos aborígenes e chineses se integravam com os sons criados por músicos vindos dos mais diversos países, numa só voz, pedindo paz para a humanidade.

A primeira apresentação na Grécia foi debaixo de chuva, como se os céus quisessem também participar do concerto. Naquele momento, os espectadores da primeira fila subiram no palco e vieram, com guarda-chuvas coloridos, proteger os músicos, criando uma festa de cores e sons. Aquele concerto ficou depois conhecido como o “Concerto dos guarda-chuvas”. Ao final do espetáculo os músicos se deram as mãos, sob os aplausos de uma plateia emocionada.

Depois de Atenas o grupo seguiu para Lyon, apresentando o mesmo espetáculo também num teatro de arena cavado na pedra. O cenário recorda um passado de arte que se projeta cada vez mais para o futuro. A mesma emoção contagiou todos os presentes que, ao final do espetáculo se levantaram e se deram as mãos, lembrando que a integração do planeta pode ser feita através da arte.

Uma das grandes funções da arte do século XXI é promover cada vez mais a consciência da unidade planetária e unidade cósmica. O grupo UAKTI, harmoniza os sons mais variados, conjugando ritmos brasileiros, africanos, indianos, música clássica e música contemporânea. A percussão nos recorda que pertencemos à Terra, fomos modelados pelo mesmo barro e a flauta nos eleva além das estrelas, à essência de onde viemos e para onde vamos.

14 de maio de 2010

UAKTI EM INHOTIM



Fotos: Márcio Reggis

Venho acompanhando a trajetória do Grupo UAKTI, desde a sua criação em 1978. Por muitos anos eles tinham a sua sede, o seu pequeno ponto de referência no porão de uma casa situada no bairro dos Funcionário em Belo Horizonte. Ali, também eu tinha o meu ateliê de pintura e, enquanto pintava, escutava os ritmos de percussão e a sonoridade da flauta soando aos meus ouvidos. Música e pintura se integravam dentro de criações diversas e, aos poucos, fui percebendo a ligação mais profunda entre as cores, as linhas e os sons.

Acompanhei o UAKTI, viajei com a turma para os Estados Unidos e Europa.

No Guggenheim de Nova York assisti às apresentações coroadas de sucesso e também os workshops para turmas de jovens estudantes americanos. A interatividade sempre foi uma característica deste grupo. As pessoas se acercam, desfilam pelo palco, tocam os instrumentos. Há uma curiosidade em saber a história do grupo, como foram criados as músicas e os instrumentos. A lenda do índio com o corpo cheio de furos continua a ser apresentada em várias regiões do planeta.

UAKTI é uma lenda que se torna viva através da música. Ela caminha pelo mundo, transmutando energias.

“Música dos deuses” foi como Maria Betânia se referiu a este grupo.

A música do UAKTI ganhou o mundo, depois o Brasil, mas não quis perder suas raízes. O grupo considera Belo Horizonte como um lugar adequado para o desenvolvimento de um trabalho sério, sem as precipitações e dificuldades do eixo Rio- São Paulo.

Aqui eles podem criar, participar de reuniões e ao mesmo tempo estar junto dos familiares. Minas Gerais é o lugar adequado para a criação artística, o recolhimento das montanhas favorece. Depois do trabalho pronto, ele está em condições de se atirar pelo mundo.

A receptividade ao grupo começou com o entusiasmo de Milton Nascimento. Ele acreditou num grupo que estava começando, gostou da sonoridade e convidou os músicos para participarem com ele de uma gravação.

Outro encontro de grande importância para o crescimento do grupo no mundo, foi a sua ligação com Phillip Glass, considerado o maior compositor americano da atualidade. Com Phillip Glass o grupo viajou pela Europa, EUA e Canadá e brevemente seguirá para o México. Integrando músicos de diversos países, o CD *Orion* será apresentado este ano, em outubro, na capital mexicana. Neste nosso planeta conturbado pela violência, o grande concerto “*Orion*” continua buscando a integração e a paz.

Inhotim é um lugar privilegiado, enriquecido com o paisagismo de Burle Marx. Ali, Bernardo Paz criou um museu ao ar livre, considerado como o maior centro de arte contemporânea do mundo. Para isso reuniu artistas de renome e seus trabalhos estão distribuídos no meio da vegetação. Passear por Inhotim é captar os sons da natureza e, ao mesmo tempo, sentir o que de mais avançado existe em arte contemporânea.

A apresentação do Grupo UAKTI, no dia 29 de agosto, foi um programa que uniu a música às artes plásticas, realizando a síntese das artes prevista como forma de harmonização para o século XXI. Sentados na grama, os jovens sentiram esta integração.

Dali surgirão outros jovens músicos, também com o objetivo de levar a arte ao mundo em sua grande missão de paz.

As novas gerações vão surgindo, dando continuidade ao que foi criado anteriormente, para se estender ao longo do tempo, como uma orquestra vinda das montanhas.

Jovens músicos de 20 anos afinam seus instrumentos para a música erudita e já estão sendo reconhecidos e premiados. Assisti ao concerto “Jovem músico” patrocinado pelo BDMG Cultural e voltei impressionada com a seriedade do grupo.

10 de setembro de 2010

UAKTI NO MÉXICO



Fotos: Grupo UAKTI e internet

O Grupo UAKTI acaba de regressar do México, onde se apresentou juntamente com 7 artistas internacionais reunidos por Phillip Glass. Depois do grande sucesso obtido na Europa e EUA este concerto, integrando os sons de vários países do mundo, continua vibrando sua energia positiva pelo planeta. A apresentação no México iniciou o ciclo da América Latina. Ali, tendo uma plateia de 15 mil pessoas, na sua maioria jovens, o grupo continuou com a sua mensagem de paz.

A programação, organizada pela produção mexicana, incluía visita aos lugares tradicionais da antiga cultura mexicana, dos toltecas e astecas. Um índio como guia contava coisas do passado, conhecimento astronômico e manifestações artísticas. Levou o grupo para uma cerimônia indígena subterrânea e em seguida todos subiram 260 degraus para alcançarem o topo da PIRÂMIDE DO SOL. No subterrâneo foi feita uma meditação e, em seguida, todos foram convidados para no dia 22 de dezembro de 2012 participarem de uma celebração junto com 5 milhões de pessoas do mundo inteiro. Nesta data está prevista uma transformação para o planeta e os grupos já se preparam para esta mudança.

Transcrevo abaixo trecho de um artigo que escrevi após viagem ao México:

“No mesmo planalto onde, há séculos, foi arrasada uma cidade asteca, construiu-se a atual Cidade do México. Fruto da fusão de duas civilizações, ela mostra em sua arquitetura o esplêndido passado dos índios, unido ao gosto espanhol dos conquistadores. Há vestígios dos grandes palácios Maias-Toltecas nas fachadas das igrejas, o barroco espanhol misturado à requintada ornamentação indígena. E a Praça da Constituição, com a catedral e as sedes do governo feericamente iluminadas, fazem lembrar as pirâmides, sempre colocadas em terreno onde a distância e o espaço permitem de uma só vez a visão de todo o conjunto. Da civilização indígena, destruída barbaramente pelos espanhóis, resta a solidão profunda das pirâmides erguidas nos planaltos e suas obras de arte, agora transportadas para o Museu de Antropologia. O passado se une ao presente neste imenso museu cercado de árvores, parques, fontes luminosas e exuberante vegetação.

Ao longo das salas modernas, forradas de madeira, distribuem-se as obras de diversas tribos, exibindo suas relíquias de arte. A escultura indígena é mostrada em toda sua grandiosidade, entre luzes e refletores, entre guias, cicerones e turistas. As salas enormes trazem a emoção da volta ao passado, recuado no tempo, mas, terrivelmente presente, na monumentalidade das esculturas. Os mais impressionantes documentos da arte asteca são a grande Pedra do Sol e a estátua de *Coatlícue*, que se refere ao Sol, às estações do ano, à morte, à vida, ao sacrifício humano, e ao princípio de dualidade, masculino e feminino. Considerada uma das obras primas da arte universal, *Coatlícue*, deusa da terra, foi colocada no centro de um imenso salão, com explicações eletrônicas sobre o significado de seus símbolos. Todo o poderio asteca, dominador de outras tribos e arrasado pela superioridade das armas de fogo dos conquistadores, está gravado na pedra, onde a mão humana conseguiu esculpir o mistério e a grandeza. Na sala dos Maias, os baixos-relevos transcrevem a sabedoria de uma civilização voltada ao estudo das forças da natureza. Seus manuscritos, ainda não decifrados totalmente, são conservados nas pedras e nos imensos painéis de Bonampak, descobertos em 1940 por um fotógrafo. Seu adiantamento lhes valeu o título de "gregos da América.

As riquezas indígenas dos toltecas, zapotecas, astecas, maias, que resistiram às guerras e à destruição, continuam a ser desenterrados do solo mexicano pelos pesquisadores e cientistas interessados. Ainda envolta em mistério, a arte dos índios é descoberta dia-a-dia, enriquecendo cada vez mais a cultura e a história mexicana.”

12 de novembro de 2010

UAKTI EM ROMA



Fotos: Regina Amaral, Sylvio Coutinho e Jefferson Oliveira

O nosso conhecido grupo UAKTI, de Minas Gerais esteve recentemente fazendo uma apresentação na Embaixada do Brasil em Roma.

O grupo UAKTI em todas as suas apresentações fora do Brasil, tem sido o grande emissário da paz entre as nações do mundo.

Sua música, de inspiração indígena, atravessa as fronteiras levando uma mensagem de harmonia e integração planetária pelos diversos países por onde passa. Assisti, em 2001, no Guggenheim de Nova York, a uma apresentação e workshop do grupo. Foi uma época conturbada na cidade de Nova York com a explosão das Torres Gêmeas. Havia um contraste entre a paz e a guerra. Diante de uma plateia ainda traumatizada com a queda das duas Torres, eles acenavam com uma proposta de paz e harmonia.

Agora, novamente apresentarão as vibrações sonoras com propostas de paz entre os homens, numa Europa conturbada pelo clima de guerra.

Brasileiro não quer a guerra, é a favor da paz. Nos sons sem palavras eles nos tocam o coração, emitindo vibrações da terra na percussão e do espaço na flauta.

A flauta nos lembra a lenda do UAKTI, um índio brasileiro que encantava as mulheres da tribo. De acordo com o depoimento de Artur Andrés, UAKTI era um índio grande, que tinha o corpo aberto em buracos. Quando ele corria pela floresta o vento, passando pelos buracos do seu corpo, produzia sons lúgubres, soturnos que atraíam as mulheres da tribo. UAKTI as seduzia. Os índios da tribo, enciumados, caçaram e mataram UAKTI. No local onde ele foi enterrado, nasceram 3 palmeiras. Os índios passaram a utilizar a madeira dessas palmeiras para tecerem flautas que, segundo eles, quando tocadas, reproduziam os sons do UAKTI correndo pela floresta. Nos rituais indígenas, as mulheres tinham que ser retiradas para bem longe, pois se elas ouvissem esses sons, poderiam se tornar impuras. Assim, também na Índia, Krishna, o deus da música, encantava as gopis (camponesas) com sua flauta.

Os mitos levam semelhanças e significados formais. Atravessam tempo e espaço para lembrar ao ser humano a sua origem cósmica. O índio UAKTI no Brasil, mergulhado nas florestas, lembra o deus Krishna na Índia, encantando as camponesas. Transmutar energias é o significado de ambos. Comover os corações, reverter a violência é o que todos nós sentimos.

A música deste grupo de Minas Gerais é uma música que nos conduz a um espaço interno dentro de nós, onde não existe tumulto, violência ou divisões. Na multiplicidade de instrumentos feitos com a maior variedade de materiais, tubos de PVC, cabaças, tablas, tambores, tampas de panelas, etc, Marco Antônio Guimarães, idealizador do Grupo, criou inúmeras composições. Marco Antônio tirou música até das tempestades e os sons que ele ouviu da água batendo no chão e escorrendo do telhado, motivaram a criação do CD *Águas da Amazônia*, que o Grupo mostrou no Guggenheim de Nova York em 2001. Atualmente, os demais componentes do Grupo, Artur Andrés, Décio Ramos e Paulo Santos têm dado continuidade ao UAKTI, não somente nas apresentações, como também acrescentando novas composições. Recentemente, numa apresentação no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, foi introduzido um gigantesco instrumento de sopro semelhante aos instrumentos dos monges budistas, cujo som lembra o timbre grave e soturno do índio UAKTI.

A música tem esta possibilidade de unir as pessoas. A esses emissários da Unidade Planetária os nossos votos de maior sucesso.

15 de maio de 2011

UAKTI E BEATLES



Fotos: Sylvio Coutinho e de arquivo

Nas décadas de 1970 e 80, eu tinha meu ateliê em BH na garagem da casa de minha mãe. Ao lado, no porão da mesma casa, o grupo UAKTI ensaiava suas músicas. Eu escutava os acordes, me embalava naqueles sons criativos, que muitas vezes me conduziam a voos mais altos na pintura. Naquela ocasião eu pesquisava o cosmos e me abria para as filosofias da Índia. Encantava-me perceber a ligação da pintura com a música e sentir o papel da arte no despertar do século XXI, unindo oriente e ocidente.

Os Beatles, rompendo preconceitos, seguiram o caminho das Índias. Deixaram o conforto de Londres para se dirigirem ao Oriente, buscando uma linguagem mais abrangente para sua música. Meditando à beira do Ganges, perceberam a grandeza de sua proposta de paz e chegaram com uma renovação completa da música contemporânea.

A apresentação do CD UAKTI - BEATLES aconteceu no Palácio das Artes em Belo Horizonte, a plateia superlotada com os apreciadores dos dois grupos musicais, vindos de terras diferentes, mas unidos no mesmo objetivo de criação.

A melodia dos Beatles se entrosava perfeitamente com os tambores, flautas, marimbas, chocalhos, proporcionando um espetáculo de grande beleza e suspense.

Marco Antônio Guimarães subiu ao palco e apresentou sua trajetória e sua admiração pelos

Beatles, desde a infância.

Os Beatles são ícones internacionais e estimularam a criatividade de muitos artistas. Eu mesma, num intervalo de muitas abstrações, dialoguei com os sons que me vinham da vizinhança do UAKTI e criei na minha fase de arte coletiva, um quadro a 4 mãos cujo tema era o famoso grupo inglês. Agora acompanho o espetáculo que se desenrola no grande teatro do Palácio das Artes, me emocionando a cada passo e a cada encontro. No final do espetáculo, que contou com a participação de Regina Amaral e Josefina Cerqueira, esposas de Artur e Paulo, uma surpresa: os filhos dos músicos foram chamados ao palco e se apresentaram cada um por sua vez. Alexandre e Artur criaram um duo sobre a canção "Black Bird".

Assistimos à apresentação da filha de Décio Ramos tocando percussão e da filha de Paulinho Santos cantando Yesterday.

Foi de grande importância a apresentação dos filhos dos músicos e veio constatar o fato de que a arte vai se prolongando no tempo e criando mensagens e caminhos.

Lembro-me de uma homenagem a George Harrison com a presença do músico indiano Ravi Shankar. A jovem filha de Ravi regia a orquestra e o filho de George Harrison tocava guitarra. A arte promove cada vez mais este encontro de grupos diversos e etnias diferentes, nos grandes palcos do mundo e nos pequenos repertórios. A grande síntese está acontecendo e pode ser vista em cada cena que se desenrola espontaneamente na criação dos artistas.

O caminho para a realização da unidade planetária e unidade cósmica ultrapassa países e raças para se manifestar de forma intensiva através de todas as artes, de modo especial a música.

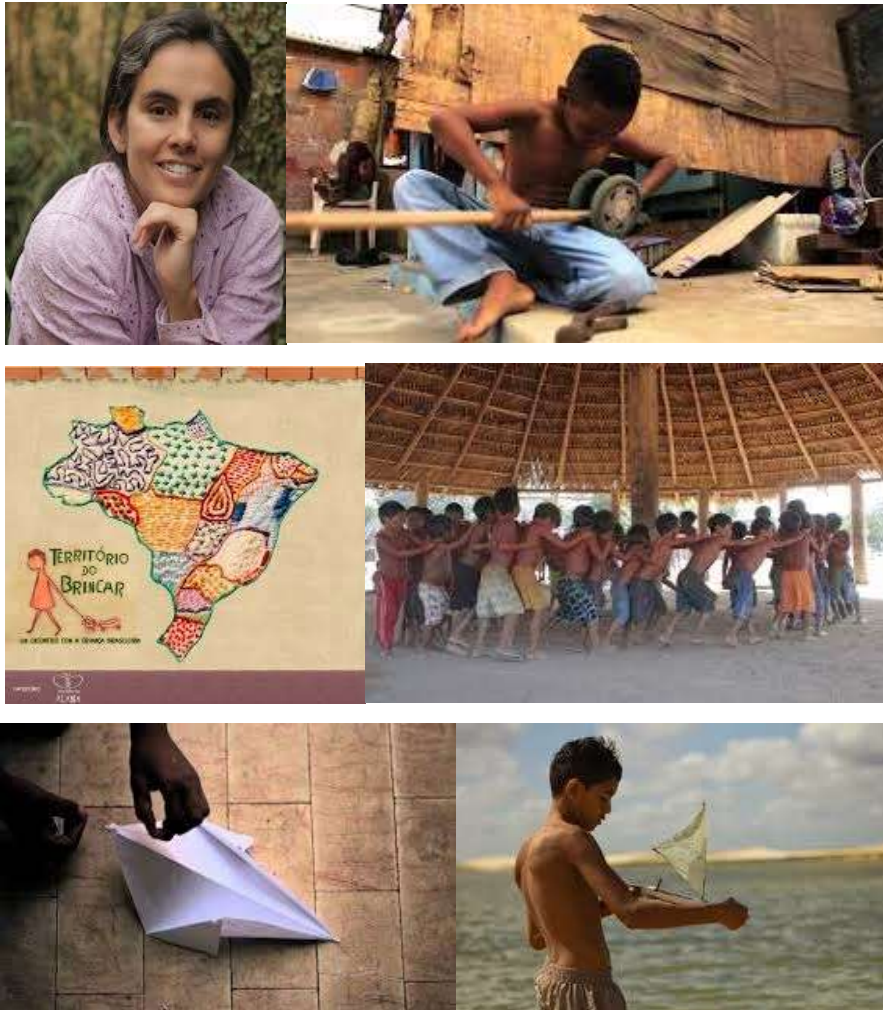
Transcrevo aqui trechos da reportagem de Cinthya Oliveira do jornal HOJE EM DIA sobre o show UAKTI- BEATLES

“O desejo de registrar um trabalho de homenagem aos Beatles é algo natural para um músico, segundo o percussionista Paulo Sérgio Santos. “Todo mundo tem um momento de visitar a obra dos Beatles. É uma influência que todo músico teve em sua vida, seja melódica ou harmônica”, afirma Santos.

A ideia do projeto partiu do arranjador Marco Antônio Guimarães, um fã dos Beatles desde a juventude, quando chegou a ter uma banda cover dos ingleses. Ele passou cerca de um ano trabalhando na adaptação das músicas para a peculiar sonoridade do Uakti. “Tive que respeitar bem a melodia porque, quando se adquire os direitos autorais, há uma exigência de que a música não pode ser muito modificada”, diz Guimarães, que selecionou as composições de que mais gostava e as que funcionavam melhor com os instrumentos do grupo.”

23 de novembro de 2012

TERRITÓRIOS DO BRINCAR E GRUPO UAKTI



Fotos: internet

No imenso galpão com teto de bambu e decoração oriental, a música vai se tornando parte de um todo que inclui a natureza bucólica do entorno.

Neste cenário cheio de sons da natureza, outros sons são criados dentro de um pequeno estúdio. Assisti à criação de uma trilha sonora dedicada a um documentário intitulado “O território do brincar”.

O músico Alexandre Andrés, regula os altos e baixos da flauta soprada por seu pai Artur, na sala ao lado, separada por uma parede de vidro. Durante uma hora ali fiquei assistindo à criação de sons destinados a integrar as imagens do filme.

Aquela trilha sonora nos levava a uma experiência única, da união entre as imagens e os sons. No dia seguinte, conheci a educadora Renata Meireles e o seu marido, o cineasta David Reeks que vieram de São Paulo para terminar o vídeo. Foi armada uma tela grande onde pudemos assistir a uma sequência de brincadeiras de criança. Segundo Renata, o documentário tem como ponto de

partida a tentativa de afirmação do olhar da criança e seu uso sobre os brinquedos.

“Trabalhamos a ideia do brinquedo, não como suporte de uma cultura, ou seja, o que a cultura oferece para a criança, mas primordialmente, sobre o que a criança oferece para a cultura, e como acontece a apropriação que as crianças fazem do brinquedo.”

Estas palavras, retiradas de uma entrevista de Renata Meireles, serviram de orientação para sentir de perto os objetivos do casal de artistas pesquisadores. Conhecer o universo da criança, sua espontaneidade em viver a liberdade de expressão de forma lúdica e prazerosa, foi o que pude sentir ao ver o vídeo “Territórios do brincar.”

O vídeo vai nos conduzindo à nossa própria infância, às brincadeiras de esconde-esconde, ao jogo da maré, aos carrinhos de rolimã, onde escorregávamos pelas ladeiras de Belo Horizonte. No filme, há uma sequência de crianças escorregando pelas dunas de uma praia, outras jogando nos córregos barcos de papel ou construindo pequenos caminhões de madeira. Na Avenida Afonso Pena em Belo Horizonte, havia um canal onde corriam as águas do córrego “Acaba mundo” que desaguava no rio Arrudas. Fazíamos pequenos barcos de papel, que jogávamos no córrego e corríamos rua abaixo, acompanhando o percurso dos barquinhos. Os brinquedos da nossa infância eram, em sua maioria, fabricados por nós mesmos. Lembro-me também de caleidoscópicos feitos por meu irmão Paulo, a partir de cacos de vidros coloridos que recolhíamos nas ruas da cidade. Brincávamos de Tarzan e Jane, habitantes das florestas, pulando de “galho em galho” nas mangueiras do nosso quintal.

As crianças do documentário são crianças que não possuem brinquedos comprados nos shoppings. O próprio fato de fazer o seu brinquedo, já contribui para criar uma relação com o seu imaginário. Brinquedos comprados não dão esta possibilidade de pesquisar a curiosidade inerente à criança. Muitos demonstram sua curiosidade desconstruindo e reconstruindo os brinquedos comprados.

No ano 2000 Renata Meireles, criadora do projeto “território do brincar”, conheceu David Reeks. Juntos criaram o projeto BIRA (Brincadeiras Infantis da Região Amazônica). Ela como educadora e pesquisadora, ele como cineasta, percorreram 16 comunidades indígenas e ribeirinhas do Amapá, Pará, Amazonas, Roraima e Acre. Produziram muitos filmes, premiados em vários festivais de cinema.

Agora, com o Grupo UAKTI, fizeram uma parceria aliando a sonoridade da flauta e da percussão aos jogos infantis, que vão levando a alegria a espontaneidade da criança pelo Brasil afora.

31 de março de 2015

ENSEMBLE, UM GRUPO MUSICAL



Fotos: internet

Desci do Retiro das Pedras, num sábado, para assistir o grupo do Artur, denominado “Ensemble” se apresentar no CCBB de Belo Horizonte.

Acompanhei desde o início a formação do grupo. Artur Andrés, Regina Amaral e Alexandre Andrés formaram um conjunto sólido, unidos pelos laços familiares e artísticos. O trio foi enriquecido com outros músicos, todos jovens. São eles Natália Mitre, José Henrique Soares e Bruno Veloso.

No repertório: Templo Grego, Arrumação, Sinfonia das goteiras, Alnitak, Infinito, Menino, Vales e montanhas, Meditação, Meditação III e Aldebaran. Há uma harmonia muito grande entre os integrantes deste conjunto.

O Ensemble surgiu das montanhas, das terras sofridas de Minas Gerais. Seus integrantes se

reuniram num estúdio rural, para um trabalho sério, onde a música erudita ocupa um espaço central. Artur, dirigente do grupo e seu principal compositor, destacou-se durante 37 anos como o flautista do grupo UAKTI, juntamente com a pianista Regina Amaral, sua esposa.

Com o encerramento do grupo UAKTI, Artur se recolheu por algum tempo. Mas sua voz interior o chamava para dar continuidade ao seu trabalho. “Seu caminho é a música. Vá em frente!”

Esta voz interna é aquela que sempre nos chama nos momentos de incerteza. Ela nos mostra que o importante é a descoberta de nós mesmos. Refletindo sobre a arte como um caminho de desenvolvimento interno, podemos considerar a percussão como um chamado de nossos antepassados indígenas e africanos, marcando o compasso da terra. A flauta é o instrumento que nos chama para o alto, para níveis superiores.

Estamos na terra, mas o nosso caminho é a realização da nossa unidade com o cosmos. As duas flautas, tocadas por Artur e Alexandre, seu filho, nos conscientizam de que pertencemos a este universo de estrelas. São chamados vindos do alto.

Para o Ensemble, Artur criou “Aldebaran”, em homenagem a uma estrela com este nome. Aldebaran brilha entre duas constelações e seu brilho é mais intenso que o sol. Ensemble nos mostra também a força da energia dos jovens, aliada à experiência dos mais velhos.

Ali, no teatro do CCBB, assistimos a perfeita integração da energia com a sabedoria, que proporcionou um equilíbrio perfeito entre as gerações.

Agradeço ao meu filho Artur a homenagem que me prestou e a música que me dedicou, aplaudida com entusiasmo pela plateia.

A todos os componentes do grupo Ensemble, o meu agradecimento. Que continuem elevando as vibrações para o alto. É o que desejo, de coração.

18 de fevereiro de 2019

TRÊS MÚSICOS, TRÊS MENSAGENS



A casa do Artur
É permeada de música
São três músicos
Com idades
Diferentes
Vivendo em
Mundos do eterno
Imutável
Agora.
Acordo pela manhã
Escutando
O som da marimba.
O Artur está de pé
Estudando
Celebrando no
Compasso
Retirando dos vidros
O ritmo da vida
Que renasce a

Cada instante.
Da varanda
Da fazenda
Escuto o som
Da flauta do
Alexandre.
Música erudita.
Os sons vão mergulhando
Em outros sons
Que vem das estrelas
De mundos superiores.
Dos sons da natureza
Do canto dos pássaros.
A música nos
Conduz.
Somos parte do
Universo.
Somos Um com
A natureza.
A flauta vai nos
Conduzindo
Para longe.
Ela mergulha
Nas fontes
E nos rios
Vai além dos
Mares, dos ares
Para mundos paralelos.
Regina me convida
Para ouvir
Sua última criação
Musical.
Música para cura.

Ainda não foi lançado
Mas já está produzindo
O efeito desejado.
A música chegou do espaço
Em vários momentos
Onde a terra se une
Aos céus.
Escuta a música
Da vida
Da grande mãe
Que marca o
Compasso da
Existência.
Todos nós sentimos a
Presença de uma força
Superior
Conduzindo estes sons!

21 de janeiro de 2019

ALEXANDRE ANDRÉS, O MÚSICO





Fotos: Alexandre Andrés e Leonora Weissman

Alexandre Andrés formou-se em música pela UFMG em dezembro de 2011. O tempo passou numa velocidade incrível. Lembro-me de Alexandre pequenino, tocando flauta no meu aniversário em casa de Marília. Tocou uma peça de Mozart, acompanhado por Artur, seu pai, diante de uma plateia emocionada. “Este menino vai longe”, escutei alguém comentando.

Hoje Alexandre realiza concertos em várias cidades do Brasil e para sua formatura planejou uma programação de alta qualidade que, segundo Maurício Freire, diretor da escola de Música e professor de Alexandre, poderia ser apresentada em qualquer teatro do Mundo.

Alexandre escolheu para seu repertório de formatura compositores eruditos e composições de sua autoria, algumas ainda inéditas. Participamos de uma viagem no tempo, do barroco de Vivaldi e Bach até as composições contemporâneas de sua própria autoria.

A flauta foi abrindo caminho por diversas épocas da história da música e nos conduzindo até os dias de hoje. Para a apresentação o jovem Alexandre reuniu uma equipe de jovens de 20 e poucos anos, que traduziram o momento em que vivemos: música contemporânea da melhor qualidade, permitindo mostrar a capacidade dos jovens de executar com a mesma espontaneidade tanto o barroco quanto os sons do século XXI. Eles nos mostraram cada vez mais a necessidade da música para a harmonização do planeta.

Um estúdio rural

Artur e Alexandre projetaram este pequeno estúdio, todo feito de bambu. O bambu foi usado na cobertura do imenso salão. Agora vejo o bambu como isolante de sons, protegendo as paredes dos diversos módulos da gravação. Fui visitá-los para ver os músicos gravando o CD de músicas autorais de Leonora Weissman e Rafael Martins.

Nos três módulos, instrumentos musicais, microfones, computadores. Os jovens estavam atentos e silenciosos, olhos e ouvidos para os detalhes da música, nada passava despercebido. Eu,

como visitante, via cores que se acendiam e apagavam nos computadores, como telas concretistas em movimento.

Alexandre Andrés me deu o depoimento abaixo:

"Temos uma produção musical muito grande e precisamos registrar essas músicas. Se dependermos de estúdios ou das leis de incentivo, os projetos não teriam continuidade. Aqui na fazenda foi construído um pequeno estúdio que preenche a necessidade de colocação de nossas músicas. Escolhemos este lugar por ser afastado dos movimentos da cidade. Há duas janelas acústicas dando para uma mata e nos intervalos das gravações, respiramos olhando o verde em frente e o lento caminhar das vaquinhas no campo. Há também o coaxar dos sapos que parecem escutar os ensaios". No meio das gravações, atendemos a um chamado aflito de Leonora:

"Uma vaca caiu no buraco!"

Todos pararam de gravar para retirar a vaquinha. Neste ambiente de integração com a natureza, Alexandre e Artur realizam um trabalho de grande originalidade.

A arte, nascida do encontro do homem consigo mesmo, em comunhão com a natureza, é uma arte universal, sem fronteiras. Ela nos mostra o retorno às origens, em seus múltiplos aspectos, em diferentes regiões do planeta, uma unidade de essência que o tempo e a distância não conseguiram modificar.

25 de abril de 2013

INTEGRAÇÃO DE DOIS GRUPOS MUSICAIS



Fotos: Artur Andrés

No domingo, 5 de junho, assisti à integração de dois grupos musicais, *Quebra Pedra* e *Água Luz*. O objetivo de fundir os dois grupos num só espetáculo resultou numa harmonia perfeita, um exemplo a ser seguido por outros grupos de arte, inclusive pelos artistas plásticos. Unidade na

multiplicidade é a tônica do Século XXI e estes jovens músicos estão abrindo o caminho dentro da arte, da quebra do ego e da competição para alcançar a luminosidade do coletivo. Parabéns pelo espetáculo. Todos nós que estávamos na plateia percebemos emocionados que algo de novo estava acontecendo.

Com grande sucesso, o cantor, compositor e flautista Alexandre Andrés, juntamente com os músicos Gustavo Amaral e Luiz Gabriel estrearam no dia 20 de maio, na Sala Juvenal Dias, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, o show “Terra das Laranjeiras”. Com um repertório exclusivamente autoral, cada um dos três jovens compositores dedicou uma composição a alguém. Alexandre dedicou uma de suas composições a sua avó, Maria Helena. Intitulada “A Voz de Todos Nós”. Transcrevo a letra criada pelo poeta Bernardo Maranhão:

A Voz de Todos Nós

“Sombra de mímica dança enlaçando a nudez

Tango sonâmbulo, peso de um passo a caminho dos pés

Dando espaço ao tempo, o tempo passa bem (2x)

Feito relâmpago antecipando o trovão

Feito libélula irradiando os azuis do verão

Sinto sussurrar a voz do coração (2x)

Lágrima límpida, corre no canto do olhar

Lâmina lúcida, brilho do lírio no lago ao luar

Tão comum, a dor e o bem de cada um (2x)

Página pálida, margem da imaginação

Letra de música, risca da quilha nas ondas do som

Traz pra minha voz a voz de todos nós

Faz de minha voz a voz de todos nós

Um silêncio por dizer (-)

Um remanso, um bem querer (-)

Uma pausa plena

Dentro da árvore um bando de passarim (-, - - -)

Cantoria (-), nuvens douradas (;)entre o céu e a serra

(;)flor do pântano, terra dos tuiuiús

Fim de mundo (-), lugar propício, (;)faz do fim o início”

(Alexandre Andrés – Bernardo Maranhão – dedicada a Maria Helena Andrés)

Foi com muita alegria que me foi possível receber este presente de meus netos músicos, já que considero a todos como netos. A tradição musical da família se estende para o futuro levando a mensagem de amor a todos que acreditam nesta grande missão da música em nosso Planeta. Alexandre é também membro do grupo instrumental *Diapasão*, como flautista e compositor. No segundo semestre de 2011 lançará o seu primeiro CD com este grupo.

Alexandre Andrés com o seu CD autoral de canções, intitulado "Aqualuz", lançado pelo Projeto Natura Musical no ano de 2009, recebeu críticas de importantes músicos e jornalistas, tais como:

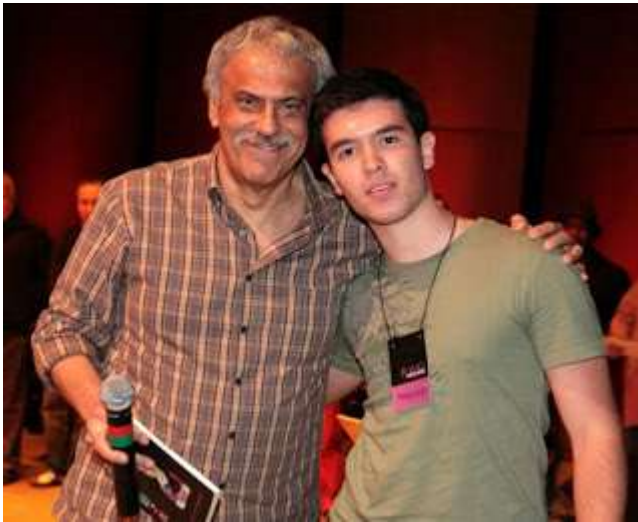
"Alexandre Andrés, mineiro de BH, de apenas 19 anos, estreia de forma fulminante em "Aqualuz". O disco independente ganhou tiragem ampliada por ter sido selecionado no edital do projeto Natura Musical, junto com a turnê de lançamento. Ele toca violão e canta no disco as músicas que compôs com o poeta Bernardo Maranhão, mas também é responsável pela densa polifonia dos arranjos. Alexandre domina vários estilos da MPB, alguns entrelaçados como a vertiginosa *romanceada*. A prosa arquitetônica de Guimarães Rosa perpassa o enredo de forma explícita (*Rosa*) ou implícita (*Névoa-nada*, *Margem da Terceira Rua*). Mônica Salmaso legitima as escalas enviesadas de *Cadência*, Regina Amaral pavimenta o piano da ecoante *Uirapuru* e André Mehmari pontua *revoar*. Requite puro." (Tárik de Sousa – Jornal do Brasil, 23/10/2009)

Sobre o CD "Aqualuz", o crítico musical Ailton Magioli escreveu: "Dono de trabalho surpreendente, diante da sua faixa etária, Alexandre Andrés explora em sua música melodias e harmonias dignas da tradição mineira, casada com uma poesia que prima por rigor e qualidade nem sempre perceptíveis na música popular" (O Estado de Minas, 21/11/2008).

"I enjoyed listening to Aqualuz"; "I thought the level of musicianship was very high and it made me smile" (Michael Riesman, diretor musical do compositor norte americano Philip Glass, – Sobre o CD Aqualuz de Alexandre Andrés) "...o Alexandre é um jovem extremamente talentoso. Quando ouvi sua música, por primeira vez, senti ali um grande frescor... pude notar ali, claramente, a 'voz' de um compositor..." (André Mehmari, SESC Instrumental/TV SESC).

9 de junho de 2011

O DESPERTAR DOS SONS



Fotos: Arquivo Pessoal

Alexandre, meu neto, é compositor e a música brota para ele como água de fonte, muito límpida, pura.

Assisti a um despertar de sons. O jovem músico faz vibrar o violão e de seus dedos vão surgindo os primeiros acordes.

O processo é semelhante ao do pintor que se encontra diante de uma tela vazia. Para Alexandre, o violão realiza o encontro dos sons que vão surgindo espontâneos, sem interferência da mente, com a sua própria voz, cantando sem palavras, sem objetivos determinados ou títulos, apenas cantarolando.

O canto se une ao som do violão e a nova música vai surgindo, como uma viagem por um mar desconhecido.

A fonte da criatividade é uma só e para alcançá-la é importante se despojar dos conceitos. Deixar fluir em 1º lugar a emoção criadora, sem bloqueios, seguindo uma ordem interna, para depois direcioná-la para uma ordem externa – primeiro a intuição, depois o raciocínio.

A intuição vem do vazio, esse vazio é necessário, e também o silêncio em torno. Algumas vezes a intuição criadora surge no meio do barulho, da confusão, o que é necessário é o vazio interno, um despojamento do excesso de informações.

“Vó sempre começo da melodia, hoje comecei da harmonia”.

Deixei-o sozinho na sala e ele ficou, pela noite adentro, compondo uma nova música. A base já estava pronta, faltavam detalhes, colocação de outros instrumentos: flauta, piano, percussão...

O letrista é convocado para dar a palavra certa para cada nota.

Outros músicos são chamados, alguns jovens como Alexandre, outros companheiros de Artur, seu pai.

A ideia inicial continua viva, mas se enriquece com novas ideias, cuja finalidade é ampliar o campo auditivo.

Dentro deste ambiente harmonioso onde a colaboração constituía um fator primordial, nasceu o CD que foi lançado em outubro de 2008 em Belo Horizonte. O título do CD, “Aqualuz”, é poético e traz a energia positiva de sua relação com planos superiores.

Música brasileira, nascida da Terra, mas sempre mantendo o seu caráter universal e transcendente.

É música para se escutar e sentir seus benefícios no próprio corpo.

Música que ultrapassa as fronteiras do conhecido, para mergulhar num universo que só pode ser atingido quando nos despojamos das coisas supérfluas buscando nossa própria essência.

A carreira musical de Alexandre já se inicia com um extraordinário sucesso. Em 19 de abril passado ele recebeu dois primeiros prêmios do BDMG-Instrumental, como melhor compositor e melhor arranjador. O concurso ocorreu no Teatro do SESI Minas onde o jovem e talentoso músico, de apenas 19 anos, apresentou suas composições de altíssima qualidade tendo sido aplaudido de pé pela plateia que lotava aquele teatro.

21 de abril de 2009

ALEXANDRE ANDRÉS E O GRUPO QUEBRA PEDRA



Fotos: Silvio Coutinho e outros

Uma experiência de integração de dois grupos musicais de Belo Horizonte trouxe para a plateia da sala Juvenal Dias no Palácio das Artes um espetáculo inédito. Dois grupos jovens,

Alexandre Andrés e o grupo Quebra Pedra de Leonora Weissmann já com características próprias, buscaram alcançar o que tem de comum neste encontro de vozes e criar uma composição musical. A música é, de todas as artes, a que mais se integra com o outro em busca de complementação e é justamente desta busca e deste encontro que surge a beleza de um concerto, de uma orquestra, de uma banda. Conjugam energias para o crescimento do grupo pressupõe amadurecimento e humildade.

Neste diálogo criativo é necessário que haja entre os músicos a consciência da unidade na multiplicidade que é o objetivo final de tudo que existe no planeta.

O resultado desta experiência em torno da música e da canção brasileira, onde várias linguagens se agregam, é de uma riqueza extraordinária.

Alexandre Andrés vem desenvolvendo um trabalho criativo intenso, tanto na música instrumental quanto nas canções, feitas em parceria com o letrista Bernardo Maranhão e registradas no seu primeiro CD “Aqualuz”. Nesse trabalho autoral ele conta com a participação do baixista Gustavo Amaral, e do percussionista Adriano Goyatá. O CD já percorre o Brasil num caminho de sucesso, e Alexandre apesar de jovem já é considerado como um compositor de alta qualidade.

Alexandre tem seu estúdio numa fazenda no campo das Vertentes, município de Entre Rios de Minas.

Os pais de Alexandre são músicos famosos, apresentam-se nos palcos brasileiros e internacionais levando um pouco da vibração das paisagens mineiras para outras terras. Artur e Regina encontraram na “Fazenda das Macieiras” o lugar adequado para suas criações musicais e agora o jovem Alexandre também se inspira na poesia do Campo das Vertentes. Assisti a um ensaio dos jovens músicos no galpão onde Artur e Regina também fazem seus ensaios e percebi nos bastidores da arte a força e a serenidade necessárias a um trabalho de qualidade.

A música deste grupo de jovens vai surgindo neste recanto de Minas, lugar onde à noite pode se ouvir o zumbido dos insetos e o coaxar dos sapos. A música faz parte da história dessa região e até hoje se manifesta em novas vocações que vão surgindo. Ali podemos ver as veredas e os “corguinhos vários” de Guimarães Rosa homenageado por Alexandre e Bernardo Maranhão com o título Rosa do CD Água Luz. As terras e os costumes dessa região de Minas têm muita coisa em comum com o sertão de Guimarães Rosa as terras se assemelham e se continuam

“E há o riacho ávido, corguinhos vários, grégio o gado pastando. Após o escurecer, vão-se assim vaga-lumes ou o assombrável luar ou o céu se impõe de estrelas. Às duas margens da noite, totais grilos e a simultaneidade dos sapos, depois e antes do em-si-estremecer das cigarras”. Alexandre é leitor de Guimarães Rosa, e compõe sua música no Campo das Vertentes que é um

começo do sertão.

A contemplação de tudo isso é gratuita, não existe necessariamente a posse da natureza. Tudo que existe de mais belo no mundo é de graça, não precisamos comprar um pedaço de céu para ver as estrelas, nem ser proprietário do pôr-do-sol para admirá-lo.

O grupo Quebra Pedra apresentou seu primeiro CD com a participação de Leonora Weissmann (voz) juntamente com Rafael Martini (piano e voz), os dois percussionistas: Mateus, Edson e o baixista Pedro.

O primeiro CD do grupo está começando um caminho de sucesso. Ali várias linguagens musicais brasileiras e mundiais se encontram sintonizando influências ainda não ouvidas na canção brasileira. Alexandre lançou o CD Agualuz em 2008 e por sua vez Leonora também lançou em 2008 seu primeiro CD no mesmo ano. Os dois grupos de jovens começaram a se encontrar e perceber afinidades.

Assim como Alexandre, Leonora também pertence a uma família de artistas. Sobrinha de Franz Weissmann, filha de Selma Weissmann e Manuel Serpa, ela cresceu no meio das artes.

Como artista plástica sua carreira já está delineada com exposições em S. Paulo, Belo Horizonte, e uma participação num encontro de jovens artistas na África. Hoje, ela toma direções mais abrangentes em sua relação Arte e Vida, realizando a síntese das artes em seu dia a dia: pratica ioga, faz meditação e sabe conjugar duas linguagens diferentes a música, arte do tempo, e a pintura arte do espaço.

O desenvolvimento de vários aspectos da personalidade auxilia na abertura de consciência e Leonora intuitivamente percebe esta ligação da arte com a vida.

A comunicação feita com o grupo de Alexandre mostra uma possibilidade nova para esses jovens, surgindo como o canto dos pássaros na arte brasileira, numa verdadeira floresta de sons que mostram a interdependência de todas as coisas. Entre violões, guitarras piano, vozes, baixos, tambores, percussão, os dois grupos se apresentam debaixo de aplausos.

Neste momento a música e a vida são integradas numa só voz.

16 de julho de 2010

ALEXANDRE ANDRÉS, UM GIRO PELA ESPANHA, PORTUGAL E BRASIL





Fotos de arquivo

A praça Floriano Peixoto em BH é um lugar privilegiado para a música. Estou assistindo a um som maravilhoso a convite de meu neto Alexandre Andrés. Desci do Retiro das Pedras, onde estava, fugindo da turbulência da cidade. Pretendia ali ficar sábado e domingo como de costume, mas o convite de Alexandre me conduziu. As redes sociais anunciavam este show, abertura do Trio Corrente, e a voz do Alexandre era, como sempre, um caminho para o sonho.

Alexandre acabou de chegar da Europa, onde participou com outro grupo musical, de várias apresentações na Espanha e Portugal.

Os músicos hoje em dia estão sempre viajando, distribuindo seus sons para países diferentes. Recebi, via internet, as fotos do lugar onde ele, junto a Rafael Martini e Marcos Braccini, se

apresentou. Tocaram por diversos palcos de cidades e vilarejos centenários, pelo coração da Catalunya.

A música não tem fronteiras, e os brasileiros na Espanha foram como os antigos trovadores, levando a sua mensagem de paz por onde passaram.

Em Portugal o grupo se apresentou em Lisboa, em um Centro Cultural, uma antiga fábrica de armamentos chamada 'Fábrica Braço de Prata' e em um café importante de Alfama, chamado 'Duetos da Sé'. Pelo caminho os músicos não só apresentaram seus trabalhos, mas fizeram muitos amigos. Nada melhor para unir os países, como as apresentações de arte.

O recado foi dado e, apesar do tempo muito curto, tenho certeza de que a semente foi plantada.

A música é a arte do tempo e os sons desses jovens brasileiros ficarão perpetuados e difundidos por onde passarem.

Paro com as minhas reflexões para ver e ouvir os músicos que estão surgindo dentro de uma nuvem colorida.

Hoje em dia esses efeitos vão nos conduzindo a uma visão de sonho e poesia.

A flauta mágica de Alexandre nos leva para novos espaços.

Já não é nem Espanha nem Portugal, estou no Brasil, em Minas Gerais, sentada numa praça ouvindo meu neto tocar.

O grupo formado por Alexandre e seus parceiros, Gabriel Bruce, Bruno Vellozo e Davi Fonseca, é um convite à união e paz.

De repente Alexandre presta homenagem à Marco Antônio Guimarães e recorda outro grupo de músicos famosos. Escuto na praça o meu neto exclamar: "Viva o UAKTI!"

7 de novembro de 2016

ALEXANDRE ANDRES E RAFAEL MARTINI NO JAPÃO





*Fotos de arquivo e da internet

Alexandre Andrés e Rafael Martini se apresentaram no Japão em setembro de 2017.

O povo japonês aprecia muitas coisas, e uma delas é a música brasileira. Eles são um dos maiores consumidores da música brasileira e mais recentemente, da música mineira fora do Brasil.

É um povo que valoriza a arte em geral, até hoje compram CDs para terem contato, não só com a música, mas também com os detalhes e informações contidas no encarte. Alexandre esteve na Tower Records, em Tokyo, loja de CDs de oito andares. Não se vê mais isto em qualquer lugar do mundo, pois os CDs estão em extinção, assim como os LPs (Vinil). Hoje as pessoas só escutam música

na internet, mas o povo japonês continua valorizando todo o processo musical, desde a gravação até os últimos detalhes de uma produção musical.

Depois de 5 anos vendendo o seu trabalho no Japão, com a ajuda do produtor japonês Yoshihiro Narita e de ter recebido prêmio com o seu CD “Macaxeira Fields”, Alexandre foi convidado para uma tournée pelo Japão, junto ao seu parceiro, compositor e pianista Rafael Martini. Entre os dias 18 e 29 de setembro, os dois se apresentaram no Festival Onpaku, numa praça de Kyoto, para 10.000 pessoas, num templo budista na cidade de Okagama e por último em um teatro lotado em Tokyo. Nesses 10 dias os jovens artistas tiveram o seu trabalho valorizado como nunca. Os japoneses os trataram com muito respeito e admiração, muitos CDs vendidos e muitos autógrafos dados...

De volta ao Brasil, ficou a admiração e a saudade de um povo que valoriza a arte como poucos e a esperança de retornar ao Japão para reencontrar os amigos.

No dia 16 de novembro, às 20:30, na Fundação de Educação Artística, Alexandre e Rafael lançarão o seu CD ‘Haru’ (Haru significa primavera em japonês), que teve o seu lançamento internacional feito no Japão, agora em Belo Horizonte.

13 de novembro de 2017

ALEXANDRE ANDRÉS E O ORIENTE





*Fotos da internet

Quando Alexandre nasceu, eu viajava pelo sul da Índia com um pequeno grupo de brasileiros. Estava em Arunachala, junto à montanha sagrada, reverenciada pelo aparecimento de uma grande luz em forma de coluna de fogo. O local é um lugar de peregrinação e ali morou um dos maiores mestres da Índia, Ramana Maharishi. Existe um mantra de grande poder de cura, associado àquela montanha. Repetindo o mantra Arunachala Shiva Shiva, os fiéis sobem cantando em reverência ao Deus Shiva.

Arunachala, situada em Tiruvanamalai, é considerada uma das mais antigas formações rochosas do planeta.

Estávamos dentro de um carro, e, do banco de trás eu podia ver a montanha se afastando. Propus a todos que cantássemos como despedida o mantra Arunachala Shiva Shiva.

A montanha aos poucos se afastava e, quando me dei conta, eu tinha substituído Arunachala por Alexandre. Alexandre Shiva Shiva, Alexandre Shiva Shiva.

Tomei consciência da substituição das palavras e exclamei com alegria: meu neto nasceu, Alexandre está nascendo...

Realmente, naquele momento, Alexandre estava nascendo...

Este menino, filho de pais músicos, desde cedo se dedicou à música. Desde criança seu brinquedo preferido era sempre um instrumento musical e aos 12 anos se apresentou tocando Mozart para um grupo de artistas e familiares. Sua sensibilidade para interpretar Mozart impressionou a todos.

Com sua flauta ele conduzia o público a uma transcendência que extrapolava o mundo material.

Aos 18 anos Alexandre tornou-se também compositor e tem a disciplina necessária aos que se dedicam de corpo e alma ao seu ideal de arte. Ele não permite dispersões inúteis. Levanta-se de madrugada, e, à luz das estrelas vai compondo suas músicas. Elas brotam de uma intuição muito

clara com outros planos de consciência, onde as artes têm como objetivo principal a transmutação de energias neste planeta tão cheio de violência.

Hoje, aos 26 anos, Alexandre é um músico reconhecido internacionalmente e está fazendo também um intercâmbio com o oriente através da música, tendo apresentado com sucesso o seu último CD Haru em Tóquio, Quioto e outras cidades japonesas.

Assisti a apresentação deste CD em BH, na Fundação de Educação Artística. Foi um admirável espetáculo de música, apresentado por Alexandre Andrés e Rafael Martini. De onde eu me encontrava podia ver o palco e os dois músicos com seus instrumentos. De um lado, Rafael com piano e teclado, do outro Alexandre com 3 instrumentos: flauta, violão e a própria voz. Havia uma comunicação performática que envolvia os músicos, o teatro e inclusive a plateia que também se tornava parte do evento. Os dois músicos integravam seus sons que nos conduziam à terras distantes, mas também próximas.

O Oriente e o Ocidente encontraram-se no palco e trouxeram a sua mensagem para todos nós que assistimos.

Integrando o evento “Verão Arte Contemporânea”, o espetáculo “Haru” será apresentado em BH no CCBB, no dia 24 de janeiro, às 20 horas.

22 de janeiro de 2018

A FLAUTA DE ALEXANDRE





*Fotos de arquivo

Seguimos
Pela estrada
Mandando
Mensagens
Telepáticas
Para os carros
Andarem
Mais rápido.

Chovia devagarinho
Molhando os vidros
Do carro.
Em nossa frente
Uma fileira
De luzes
Vermelhas acesas
Dentro da neblina.
Chegamos com
Algum atraso na
Universidade.
Ali estava
Meu neto
Alexandre

No meio do
Palco.
Tocando uma peça
De Mozart.

Me lembro do
Alexandre
Aos doze anos.
Tocando Mozart
Junto com Artur
Seu pai.
Foi na casa de
Marília
No meu aniversário.
Empolgou a plateia
Com sua flauta
Em duo com o
Pai.

Os dois me acompanham
Nas exposições
E nos grandes eventos
De minha vida.
Sempre a flauta
Elevando as vibrações
Para o alto
Como um gorjeio
De pássaros.

No momento
Alexandre
Está sozinho
No palco circular

Da Universidade.
O concerto é uma
Prova de doutorado.
Foi realmente emocionante
Sentir o neto
Trazendo energia positiva
Para a plateia.
E se preparando
Para ser doutor...

17 de dezembro de 2018

LANÇAMENTO DO CD RÃ

Assisti ao lançamento do CD “Rã”, de autoria de Alexandre Andrés (voz, violão e flautas), André Mehmarí (piano, synthi e voz) e Bernardo Maranhão (poesias e voz). O trio foi acompanhado por Artur Andrés, ex flautista do Grupo Uakti, pela percussionista Natália Mitre e pelo multi-instrumentista Felipe José.

No palco iluminado, os músicos iniciaram o concerto. Havia uma grande sintonia entre o público e os artistas, como se todos fossemos parte de um todo harmonioso. As artes cada vez mais caminham para a realização da Unidade, a consciência de que todos somos Um. Existe um lugar de paz dentro de cada um de nós, no nosso espaço vazio interior. É deste espaço que nascem todas as ideias artísticas, científicas, religiosas e filosóficas.

A música, de todas as artes, é aquela que mais rapidamente nos conduz a este momento de paz e harmonia com todos os seres. Ela pode nos pôr em contato direto com a natureza, como se as plantas e os animais, as montanhas, rios e mares estivessem escutando os acordes musicais. Quando nos comunicamos com a natureza ela responde e se comunica conosco.

Ouvir o som do coaxar dos sapos na lagoa, o zumbido dos insetos, o canto dos pássaros é o grande benefício que recebemos quando nos esvaziamos de todos os conceitos e fórmulas, para penetrar no nosso mundo interno. Alexandre tem o seu estúdio rural na Fazenda das Macieiras, em Entre Rios de Minas. Ali construiu seu lugar de imersão musical. André Mehmarí tem o seu estúdio na Serra da Cantareira, próximo a São Paulo. Lá ele também encontrou o seu lugar de criação, junto a Natureza, as mais diversas plantas e animais. Em ambos os estúdios, onde o disco “Rã” foi

concebido, os artistas podem interagir diretamente, através das janelas acústicas, com a natureza ao redor. Uma energia de paz, proveniente da experiência da Unidade com a natureza, é revelada na música dos artistas.

Do outro lado do mundo, no Japão, o CD “Rã” foi premiado como o “melhor álbum de música brasileira de 2019”, pela revista especializada em música latina, “Latina Magazine”. O povo japonês tem uma conexão muito forte com a música brasileira e uma reverência muito grande com a natureza. Eles valorizam uma nova geração de músicos, responsáveis pela continuidade do trabalho de artistas como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Rita Lee, Toninho Horta e o Clube da Esquina, Baden Powell, Joyce, Gilberto Gil, Caetano Veloso etc.

Em 2017 Alexandre esteve em turnê pelo Japão, tendo lançado o disco “Haru”, em parceria com Rafael Martini, tendo tocado em Kyoto, Okayama e Tokyo. André Mehmar toca anualmente em terras nipônicas. Os japoneses têm a sensibilidade para compreender profundamente a nossa música e estão valorizando, cada vez mais, as criações vindas de diversos grupos de todo o Brasil.

Por fim, “Rã” é a união da música com os ritmos da natureza, uma conexão entre o Oriente e o Ocidente por meio dos sons. Acompanhem o trabalho de Alexandre, Bernardo e André pelas redes sociais. O disco está disponível nas principais plataformas digitais, tais como Spotify, Dizer, YouTube, dentre várias outras.

17 de fevereiro de 2020

MÚSICA FORA DOS PALCOS





*Fotos de arquivo

Música clássica

Na Índia

Em casa de

Norma Shakti

A americana

Que foi morar

Em Adyar

Numa casa à beira mar

Convidava

Aos domingos

Para ouvir música

Em discos de vinil.

Enquanto o disco girava

Olhávamos o gado

Passando devagar

Conduzido por homens

De turbante.

Ouvíamos Bach, Mozart, Beethoven.

A tarde caía e o gado

Passeava na praia

Vagarosamente.

Agora, Brasil

Tarde caindo

A noite chegando
E a música da flauta
Nos conduzindo para
Outros espaços.
Sarau no Retiro:
Artur e Alexandre
Comandaram
Este sarau improvisado
Mas tocado
Com muita competência
Pelos dois músicos
Da família.
Como na Índia
O cenário era o mesmo
De colorido intenso.
O sol se punha nas
Montanhas
Os pássaros se recolhiam
E as luzes de Brumadinho
Começavam a brilhar.

Música e poesia
Dentro de um espaço
De Artes Plásticas.
Desta vez Artur e Luciano
Mostravam ser maestros
Na música e no teatro.
Interatividade
Com a plateia.
Vários depoimentos
E a arte envolvendo
A plateia
Num todo poético.

HERMETO PASCOAL E A IMPROVISAÇÃO NA MÚSICA



Foto: internet

Estou sentada num banco de rua, tomando o sol da manhã. No Rio está chovendo, aqui o sol brilha e os pássaros cantam, num concerto grátis, improvisado. Celebram a beleza do dia. Transeuntes passam apressados, sem verem nem ouvirem o canto da manhã de sol. Um senhor de idade vem sentar-se no banco da frente, trazendo uma cachorrinha preta de olhos azuis. Todos os dias ele faz este mesmo itinerário. A cadela está atenta para não perder o dono de vista. Debaixo da palmeira, sob uma pedra, um alto-falante toca música eletrônica o dia todo. Estou lendo o jornal de cultura que noticia a presença em Belo Horizonte de Hermeto Pascoal, considerado o músico bruxo, que tira sons de todas as coisas. Na Índia, já escutei também grupos musicais tirando sons da natureza e do corpo.

Particpei de concertos improvisados com duração às vezes de 4 horas, os músicos sentados no chão, cantando e improvisando ao sabor do momento. O momento presente é muito importante para se perceber a criatividade em sua fonte natural que é a vida. O “Agora” vivenciado através da música nos proporciona momentos de paz e harmonia com todos os seres vivos. Lá longe, na Índia, os músicos continuam improvisando. Relacionaram seus sons com o canto dos pássaros, o zumbido

dos insetos, o correr das águas.

Volto ao Brasil, ao banco de rua. Leio o depoimento no jornal, de Hermeto Pascoal, referindo-se à sua música e à interatividade com o público. “No show acontecem coisas imprevisíveis. Isso porque, nas mãos do poder de improvisação, prazerosamente acatado pelo público, muitas outras canções surgem. No último show exagerei, cantei quatro vezes com o público, Ave Maria! O povo nunca cantou tanto comigo. É uma confraternização que acontece quase espiritualmente”, explica ele.

A música de Hermeto é universal e se utiliza da mistura de sons de todo o mundo, podendo ser compreendida em qualquer lugar do planeta. Ele prossegue: “Para dormir depois é difícil. É tanta coisa linda que acontece, é como se eu estivesse em vários mundos”. Falando do inusitado, para este ano, o músico planeja a gravação de um álbum com os sons do corpo – das veias, do cérebro, da pele e das batidas do coração.

Continuo sentada, num banco de rua, escutando também os diversos sons desta manhã de sol e refletindo sobre o poder mágico da improvisação.

A entrevista continua: “Ponho uma mesinha com os instrumentos, mas nunca toco todos. Não dá tempo. Ali o Hermeto não é o único solista. Ali todos são” (Depoimento dado à repórter Eleonora Duarte do Jornal Hoje em Dia) Hermeto Pascoal aparece como uma figura “sui generis” no cenário da música contemporânea. Com seu entusiasmo, ele promove a integração com toda a plateia e com todos os componentes do grupo. Todos são criadores, improvisadores, todos são Um! Esta integração é uma das conquistas do século XXI, quando o individualismo desaparece para ceder lugar ao Todo. O estado de êxtase alcançado pela plateia relembra as sociedades primitivas, onde a música era usada para unir toda a comunidade numa só energia.

1 de agosto de 2011

PAUL MCCARTNEY EM BELO HORIZONTE



Fotos: internet

Paul McCartney cantou em BH, inaugurando com grande sucesso o nosso estádio, reservado para jogos de futebol e grandes apresentações artísticas.

Paul veio de Londres e foi recebido com carinho por uma multidão de fãs. Trouxe consigo uma banda de alta qualidade e uma produção pirotécnica resplandecente. Os fogos de artifício davam um caráter mágico à apresentação e no meio de cores e luzes, as músicas dos Beatles foram tocadas com a participação calorosa de fãs vindos de várias partes do Brasil.

Paul McCartney chorou quando chegou ao palco e viu o quanto era amado por aquela multidão. Nas arquibancadas os celulares acesos pareciam em seu conjunto um céu estrelado.

Na noite serena e fria de maio, as estrelas também aplaudiam o show.

A missão de Paul neste nosso conturbado mundo ocidental não terminou com a separação do grupo e a morte de dois de seus integrantes, John Lennon e George Harrison.

Paul é grande apologista do vegetarianismo, defende os animais e acha que eles têm direito à vida.

O exemplo dos Beatles levou muitos jovens a largarem o conforto das famílias para caminharem, mochilas às costas, pelas estradas poeirentas da Índia.

Paz e Amor era o slogan que esses jovens pregavam como bandeira.

Lembro-me do “ashram” (comunidade espiritualista) onde os Beatles receberam suas iniciações, situado à beira do Ganges em Rishikesh, norte da Índia.

Muitos jovens aprenderam a meditar com o exemplo dos Beatles, e suas músicas se espalharam pelo mundo como uma grande mensagem de paz.

Até hoje os Beatles continuam trazendo para todos nós a proposta de não violência, não consumismo e vegetarianismo.

A música é, sem dúvida, de todas as artes a que mais emociona.

Escreve Edgar Poe: "Nós somos devorados por uma sede inextinguível. Esta sede faz parte da imortalidade do homem. Ela é uma consequência e, ao mesmo tempo, um sinal de sua existência sem termo. Então, quando a poesia, ou a mais enervante das formas poéticas, a música, nos fazem cair em lágrimas, choramos, não por excesso de prazer, e sim em razão de uma melancolia positiva, impetuosa, impaciente, que experimentamos por causa da nossa incapacidade de discernir, plenamente, aqui nesta terra, uma vez por todas, aquelas alegrias divinas de que, através do poema ou da música, não atingimos, senão vislumbramos."

Transcrevo aqui os depoimentos de Carlos Starling e Alexandre Andrés, que assistiram de perto a apresentação:

“O show do Paul... Viagem no tempo, encontro com um amigo que não te conhece, mas te emocionou a vida inteira. Poesia absoluta! Emoção absoluta!” (Carlos Starling)

“Milhares de pessoas assistindo e cantando músicas da época dos Beatles, dos Wings e novas canções dedicadas a John, ao George e às suas antigas e atuais mulheres. Ver o meu ídolo de pertinho me emocionou muito! Impressionante aquele senhor de 70 anos que continua compondo e cantando lindamente até hoje!!!” (Alexandre Andrés)

24 de maio de 2013

GEORGE IVANOVICH GURDJIEFF



Fotos: internet

Dia 8 de outubro, com a sala lotada, foi apresentado um concerto de flauta e piano na Fundação de Educação Artística denominado “Viagem por lugares inacessíveis”. O concerto foi nos conduzindo para outra viagem para dentro de nós mesmos e nos fazia recordar também Gurdjieff, músico e viajante, que mais tarde se tornou um grande mestre.

Nascido na Armênia, então parte do Império Russo, Gurdjieff criou, no início do século 20, um sistema de ensinamentos que alia o treino intelectual a uma variedade de práticas, como meditação, música e dança. Influenciado pelas tradições orientais, como a dos sufis muçulmanos, ele chamava seu sistema de “trabalho sobre si”, enfatizando que o despertar espiritual se dá a partir de um esforço de perscrutar e transformar a si mesmo. Uma frase emblemática de Gurdjieff é esta: “Não há injustiça no mundo. Tudo acontece exatamente como tem que acontecer. Se queremos mudar o curso de nossa vida, precisamos conhecer as forças que atuam sobre nós e, a partir dessa consciência, criar meios de nos libertarmos dessas forças”.

Gurdjieff dizia que a humanidade vive num estado de sono hipnótico, como se fôssemos todos sonâmbulos. Basta olhar para ver o quanto vivemos nesse estado de letargia, fazendo as coisas de forma automática, sem consciência. Quase todas as nossas ações e relações são de natureza mecânica. Por exemplo, passamos a vida inteira preocupados com o que os outros acham de nós, com o que podem pensar a nosso respeito. E vamos agindo em função dessa identificação com a opinião do outro, buscando ganhar a sua aprovação. Agora, será que aquilo que o outro pensa de mim é tão importante assim? Aliás, será que ele realmente está pensando algo de mim? Na maioria das vezes a resposta é não. Mas eu não percebo isso. Assim como não percebo meu próprio corpo. Ninguém se dá conta, mas estamos o tempo todo submetidos a milhares de tensões musculares inúteis, pura perda de energia. E essa tensão constante só existe por uma razão: achamos isso

normal. É preciso rever esse desequilíbrio interno, tampar esses vazamentos de energia e atenção. E é aí que entra o que chamamos de “trabalho sobre si”. Se o ser humano quer, de fato, atingir todo o seu potencial, se quer sair desse estado vegetativo, despertar do sono que o escraviza, precisa buscar o conhecimento de si mesmo.

Gurdjieff era músico e compositor e deixou seguidores também músicos e compositores. Em Belo Horizonte, Artur Andrés Ribeiro, juntamente com outros companheiros responsáveis do Instituto Gurdjieff, buscam dar continuidade à obra de Gurdjieff não só através da prática de suas ideias, como também como intérpretes de suas músicas. Artur Andrés gravou com a pianista Regina Amaral: “Cantos e Ritmos do Oriente” (2000), “Música dos Sayyides e dos Dervixes” (2002) e “Hinos, preces e ritos” (2004), resultado de uma extensa pesquisa realizada a partir da obra musical de Gurdjieff e Hartman.

Artur Andrés Ribeiro foi graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais, com habilitação em flauta e em 2000 obteve o título de Doutor em Música por Defesa Direta de Tese. Com a pianista Regina Stela Amaral, sua esposa, forma, desde 1978, um duo de flauta e piano, tendo realizado inúmeros recitais, tanto no Brasil quanto no exterior. Alexandre Andrés, filho do casal é músico e compositor e muitas vezes participa das apresentações. Artur Andrés Ribeiro é membro fundador do UAKTI – Oficina Instrumental. O grupo UAKTI é nacional e internacionalmente reconhecido por meio de Cds, turnês de concertos, parcerias com grandes artistas e importantes premiações. Como compositor, Artur escreveu “Alnitak” e “Turning Point” (CD I Ching, 1994) e o “Segredo das Dezesete Nozes”, “Música para um Templo Grego Antigo” e “Trilogia para Krishna” (CD Trilobita, 1997). Todas as composições são criadas em seu estúdio, na Fazenda da Barrinha, em Entre Rios de Minas. Ali, Artur, Regina e Alexandre, envolvidos pela energia da natureza, compõem suas músicas e, ao mesmo tempo, têm espaço para as “domingueiras” do Grupo Gurdjieff. Elas acontecem com a participação de todos, nos exercícios, no silêncio das meditações, na preparação das refeições e também nos círculos de autoconhecimento. Tive a oportunidade de participar de alguns encontros do grupo e organizar uma experiência de arte coletiva. Num ateliê improvisado na varanda, 20 jovens pintaram em conjunto 2 grandes painéis.

22 de outubro de 2011

GRUPO GURDJIEFF DE BELO HORIZONTE



*Fotos de Gabriel de Souza

O Grupo Gurdjieff de Belo Horizonte se apresentou no sábado, dia 20 na Assembleia Legislativa. Neste lugar, onde se discutem problemas os mais variados, onde os conflitos surgem todos os dias, o grupo nos trouxe momentos de transcendência.

Gurdjieff foi um buscador que, na Europa atormentada por muitas guerras, foi encontrar a paz nos mosteiros gelados do Himalaia, e, aliou a antiga sabedoria do mundo com a sua grande intuição. Gurdjieff foi também um músico que uniu arte e espiritualidade num só contexto. Ele trouxe para o mundo ocidental o resultado de suas pesquisas. Naquela apresentação, música, dança, meditação e autoconhecimento se harmonizaram, trazendo para a plateia momentos de rara beleza.

Durante o espetáculo, uma grande vibração de luz desceu sobre aquele recinto.

Vivemos constantemente realizando os opostos de guerra e paz, e a apresentação do grupo foi um convite a sentirmos todos juntos, músicos, dançarinos e plateia uma só e única vibração.

No início, os três músicos, Mauro Rodrigues, Artur Andrés e Alexandre Andrés, abriram o espetáculo com os sons de suas flautas e de outros instrumentos de sopro, tendo ao piano Regina Amaral. Ela desempenhou em seguida o papel de guia dos dançarinos, usando o ritmo do piano e sendo acompanhada por um tambor. Os dançarinos se apresentaram com grande disciplina, as

mulheres, vestidas de túnicas brancas e os homens também com camisas brancas. Juntos realizaram naquele palco improvisado, uma grande manifestação de arte e espiritualidade.

Criar a paz num espaço de conflitos?

A proposta de Gurdjieff, no princípio do século XX, um século em que se deflagaram duas grandes guerras, se projetou pelo mundo e chegou até nós.

Há muito venho acompanhando os trabalhos deste grupo, que tem como sede um grande galpão na Fazenda das Macieiras. Ali eles se reúnem e exercitam os ritmos e a dança dos antigos derviches.

Quando fui visitá-los numa noite fria de julho, um pequeno grupo investigava as estrelas.

A apresentação na Assembleia trouxe para todos nós uma grande contribuição.

O grupo se encontra mensalmente na Fazenda das Macieiras e semanalmente numa casa em Santa Tereza, em Belo Horizonte. Nesses encontros eles praticam meditação, música, dança e estudam os ensinamentos de Gurdjieff.

29 de outubro de 2018

A VOLTA AO MUNDO COM BETTINE CLEMEN



Fotos: arquivo Bettine Clemen

Conheci Bettine Clemen quando ela passou uma temporada em Minas Gerais atendendo a um convite do Palácio das Artes, para ali participar como flautista da Orquestra Sinfônica. Bettine nasceu na Baviera, hoje mora em Salzburg, terra de Mozart. As montanhas de Minas se assemelham aos Alpes e talvez seja por isso que a jovem flautista escolheu Minas Gerais para residir por algum tempo. Lá em Salzburg a neve desenha o limite entre a terra e o céu, mas o azul de lá é tão intenso quanto o de cá. Terra de músicos, Salzburg acolheu Bettine como um ponto de parada para suas múltiplas viagens pelo mundo, carregando em sua bagagem uma variedade de flautas.

Bettine é uma artista que busca a união do planeta através da música, apresentando-se nos palcos iluminados dos navios internacionais. Muito loira, vestida de traje a rigor, ela brilha como uma estrela no meio do mar. Quando morou no Retiro das Pedras, tornou-se minha amiga, e esta amizade ainda perdura até hoje. De vez em quando, recebo um e-mail de um navio e sei que Bettine está por perto, na costa brasileira.

“Vou deixar minhas malas no Rio, dentro do navio, tenho dois dias, quero rever os amigos de Minas”.

Quando chega distribui alegria e entusiasmo, trazendo CDs e vídeos de suas viagens. Um de seus vídeos merece ser visto porque conta a história de Bettine, defensora e amiga dos animais. Ali podemos ouvi-la tocar e apreciá-la junto aos animais ferozes, completamente harmonizados pela magia de sua flauta. Bettine foi percorrendo o mundo e tocando flauta para tigres, elefantes, cobras, girafas. Percorreu lugares onde o turista comum nunca teve entrada, levando a mensagem não verbal de que o mundo é uma única família e os animais são nossos amigos. Bettine Clemen tem um currículo internacional como solista ativa, gravando para orquestras de vários países. Sua carreira começou cedo, participando de orquestras de prestígio, tais como “Munich Bach Orquestra”, “Praga Radio Orquestra” e a “Orquestra de Mozart de Salzburg”. Em 1978, residindo em Minas Gerais como flautista da Orquestra Sinfônica, ela se encantou com as florestas tropicais que exerceram grande influência sobre suas composições. “Canção de Amor para um Planeta” foi inspirada na floresta Amazônica. Publicou vários álbuns tais como: “Abra seus ouvidos ao Amor”, “Forever”, “Echoes of Life” Levou sua música transcendental a vários recantos do planeta, desde lugares de prestígio como o “Royal Albert Hall” em Londres e o “Lincoln Center” em New York, até o Extremo Oriente como Xangai e Pequim.

Em 2000 obtive permissão para tocar sua flauta na antiga cidade de Petra, na Jordânia, onde foi protagonista do vídeo intitulado “Bettine e a magia de Petra”.

Ela acredita no poder de cura e transcendência da música como um canal para se alcançar o

estado de plenitude tão necessária ao nosso mundo de violência e guerras.

Aqui apresentamos Bettine como grande artista e grande figura humana.

10 de julho de 2010

ARTE NAS MONTANHAS



Fotos: Marília Andrés e Luciano Luppi

Alguns artistas, seguindo a necessidade da época de volta à natureza, estão se afastando das cidades para se fixar em lugares mais silenciosos, ainda não poluídos pela agitação dos grandes centros. Em Minas, a subida para as montanhas começou em meados do século XX, quando a cidade de Belo Horizonte aumentou com a explosão imobiliária. Vários condomínios foram criados oferecendo aos moradores a beleza natural e o ar puro das montanhas.

Ronei Filgueiras, engenheiro e artista, foi um dos primeiros moradores do Retiro das Pedras. Ali, Ronei não somente construiu sua residência como também um teatro particular ao lado de sua casa em forma hiperbólica com acústica perfeita para concertos de câmara. O teatro *Domus Áurea*, inaugurado em 1981, foi idealizado para ser um templo de música erudita. Lugar sagrado de arte, o teatro apresentou em sua estreia Nelson Freire, o mais famoso pianista do Brasil. Ali se apresentaram músicos famosos, tais como Frederic Meinders, Eduardo Hazan, Fany Solter, Artur Andrés e Regina Amaral, Bettine Clemen com o maestro Magnani, entre outros.

Sábado, 1º de agosto de 2010, assisti a um concerto de piano de Valéria Zanini, pianista brasileira radicada na Dinamarca e com grandes apresentações nos palcos europeus. Valéria é conhecida na Dinamarca pelo pioneirismo na introdução da música brasileira para plateias daquele país com inúmeras gravações na rádio dinamarquesa e apresentações em TVs. Seu concerto no teatro *Domus Áurea* foi oferecido em benefício das obras sociais do capelão da igreja do Retiro das Pedras, padre Natanael. Cada pessoa contribuía com um pacote de alimento não perecível para ser

enviado ao Vale do Jequitinhonha. Parabéns à jovem pianista e ao casal Ronei e Zezé pela oportunidade de, generosamente, contribuir para a elevação do nível cultural desta região.

No dia seguinte, ao ar livre, nas quadras do condomínio, foi apresentado um outro programa musical, desta vez seguindo o gosto popular da bossa nova e do rock. À sombra das árvores, junto à feira de artesanato, cantores jovens se apresentaram, no domingo pela manhã, proporcionando à comunidade uma nova forma de arte. Houve participação e interatividade do público que ali estava e cantarolava também as canções de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Entre o erudito e o popular a música continua sendo a forma direta de trazer harmonia para a nossa sociedade.

Outros condomínios também se abrem para as artes, buscando elevar o nível cultural da região de Nova Lima e Brumadinho. No sábado, dia sete de agosto, fui convidada para assistir a um concerto da orquestra Filarmônica de Belo Horizonte que estava se apresentando no condomínio Morro do Chapéu, a convite da diretoria. A orquestra apresentou um repertório de música erudita inspirada no folclore de vários países da Europa Central. A programação incluía mazurcas e polcas e também criações populares da América Latina, tais como o tango e o batuque brasileiro interpretados de forma erudita. Para terminar a apresentação o concerto Bolero de Ravel foi acompanhado com entusiasmo pelo público. Adultos, crianças e idosos participaram do evento sentados ao ar livre, à luz das estrelas, diante de uma concha acústica armada no gramado.

Voltamos ao Morro do Chapéu no domingo pela manhã para assistir à programação da terceira feira de livros do condomínio. Ali, as artes plásticas e a música se uniram à literatura. Durante três dias as pessoas se encontravam, trocavam ideias, escutavam poetas recitando e escritores fazendo depoimentos. A programação incluía também uma palestra do economista e filósofo Eduardo Gianetti com a mediação de Luis Aníbal Fernandes.

Em frente a um stand, Jorge dos Anjos, recentemente chegado de uma exposição na Holanda, apresentava suas esculturas ao lado de estamparias de Fernando Lucchesi e trabalhos de Fernando Pacheco, George Hardy e Fernando Veloso.

Os condomínios estão dando um bom exemplo de realizações que elevam o nível cultural da comunidade. Nessa região sul, próximo a Belo Horizonte, está se formando o caminho das artes com residência de jovens artistas (JÁ-CA), galerias de arte, escolas de circo e dança, apontando um caminho em direção a Inhotim, o maior centro de arte contemporânea das Américas.

20 de agosto de 2010

WILSON FIGUEIREDO, O POETA



Fotos: Pepe Schettino, André Macera e acervo FSB

Revivendo o movimento moderno que se instalou em Minas na década de 40 com a criação da Escola de Belas Artes dirigida por Guignard, vejo a turma de jovens poetas e escritores se reunindo embaixo das árvores do parque. Vinham da Faculdade de Filosofia, situada ali perto no Instituto de Educação, para assistir palestras e debates que aconteciam na Escola, sob o prestígio de Guignard. Todo um potencial de ideias novas se formava em torno do mestre. Ali no parque Municipal de Belo Horizonte, uma síntese das artes acontecia.

Wilson Figueiredo era um dos integrantes da turma que se reunia no parque, juntamente com Otto Lara Resende, Hélio Peregrino, Edmur Fonseca, Paulo Mendes Campos, Sábato Magaldi. Wilson Figueiredo, o Figueiró, criou junto com Edmur Fonseca a revista Edifício, uma revista de vanguarda. Ali seus livros de poesia, “Mecânica do Azul” e “Poemas Narrativos”, foram editados. Seguíamos o nosso caminho nas artes plásticas, sob o incentivo daqueles que também escreviam poemas e crônicas.

Figueiró, que naquela época tinha apenas 20 anos, fez parte do grupo de jovens que recebeu Mário de Andrade na provinciana Belo Horizonte, em 1944. O consagrado poeta paulista gostou do jovem e escreveu para ele cartas encorajando-o a continuar a linha poética. Wilson Figueiredo guardou suas poesias que só foram publicadas na época, mas merecem ser conhecidas. Algumas vezes costumo cobrar do meu cunhado, W. Figueiredo, casado com minha irmã Lourdes: “Wilson, por que você não publica seus versos, você é um poeta?”

Lembro-me de ter lido algumas vezes o livro “Mecânica do Azul” e aqui transcrevo alguns trechos:

“Só hoje me lembro da bola de gude

Mas com alguns anos de vida

Entre esse tempo e onde

Eu desejaria estar

Ah! Se eu pudesse ver a bola

Com a trajetória libertada

Da geometria e da física

E ignorar que feliz no jogo

É o infeliz nos amores.”

.....

“Meu primeiro velocípede

Começa a dar voltas

Em torno do meu silêncio

Com a campainha gritando

Estrelas”

.....

“Havia no quarto da pensão

Cavalos ao luar pregados no teto

Numa geografia que me viajava

Os cavalos puxavam a virgem

Na paisagem de gesso

Sempre intocada

Por sobre o sonho e as águas.”

.....

O tempo é a minha ferrugem

Que espraia
Atropela o silêncio
Gasta a chave, a mala
Os cartões imorais do dormitório
Os pregos na parede
E mesmo alguns retratos.”

Naquela época eu lia “Cartas a um jovem poeta” de Rainer Maria Rilke e sob o seu incentivo continuei minha vida de artista. Cada vez mais venho compreendendo a integração das artes e o quanto de benefício que elas nos proporcionam.

Mais tarde, já casado, Wilson transferiu residência para o Rio de Janeiro, que naquela época era considerada a corte brasileira, lugar onde os intelectuais e artistas poderiam se projetar com mais facilidade. Ali, ele se tornou um jornalista da linha de frente, destruindo ideias arraigadas e incentivando a construção do novo. Assim foi no Jornal do Brasil e está sendo no F.S.B Comunicações, onde ele se torna, aos 87 anos, “um mentor dos novos da empresa”.

Nelson Rodrigues destacava em Wilson a veia poética, que se desdobrou ao longo de toda a sua carreira. “Não se faz jornalismo sem poesia”, dizia Nelson Rodrigues.

Mário de Andrade, ao ler os versos do jovem Wilson de 20 anos, comentou: “Como eu sorria feliz lendo os versos dele”.

Em carta dirigida ao Wilson, Mário de Andrade continua: “Você tem a poesia dentro de si e tem o que dizer.” E continua: “Você é um poeta e sua poesia não é original por ser uma fragrância de mocidade só, é sua.”

Esta poética, Wilson trouxe da juventude até os dias de hoje. Escreve textos e dedicatórias deixando vir à tona a sua alma de poeta. Transcrevo aqui a dedicatória que recebi no livro “E a vida continua” recém-lançado no Rio de Janeiro.

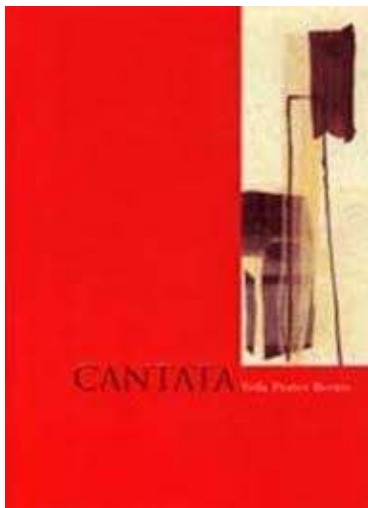
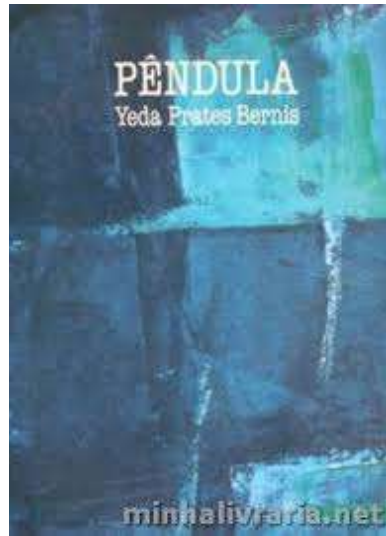
“À Helena

A irmã que conversa com o silêncio e acena às nuvens que passam rentes à sua casa, nosso agradecimento por sua assinatura artística numa página deste livro que nos reúne como prêmio da vida. Lourdes e Wilson.”

Este prêmio da vida a que eles se referem são seus quatro filhos Pedro, Vanessa, Rodrigo e Andréia que serviram de modelo para um quadro de minha autoria.

25 de dezembro de 2011

YEDA PRATES



*Fotos da internet

A poeta Yeda Prates, conhecida e aplaudida nacional e internacionalmente, é mineira e reside em Belo Horizonte. Fui convidada para um almoço em seu apartamento, situado na mesma rua em que eu moro. Naquela ocasião, Yeda me presenteou com alguns livros de sua autoria. “Cercanias” é o livro que tenho nas mãos no momento e vamos falar sobre ele.

A poesia de Yeda é para ser lida devagar, meditando em cada página. É a busca da essência através da palavra, um caminho para se transcender o cotidiano e nos projetar na vastidão do imensurável.

No momento em que escrevo em minha casa do Retiro, vejo a paisagem de Minas, e o céu cheio de cores escondendo o sol.

Nos versos de Yeda, ela proclama a beleza da vida e da criação. Existe beleza nos céus de Minas, tão admirados por Guignard. Os versos da poeta também divulgam e transmitem esta beleza de nossa paisagem.

A poesia de Yeda vai nos conduzindo para um encontro feliz entre poesia, pintura, música e meditação.

Assim fala o seu poema “Na tarde”:

“A tarde mergulha na lagoa
E patos bebem, sôfregos
A luz remanescente das águas”

Com o lirismo herdado por seu sangue mineiro, ela vai nos conduzindo à suavidade das tardes, das madrugadas, das noites de lua. É neste deslumbramento que sua arte encontra a música, herança familiar de nosso grande maestro Carlos Alberto Prates. Yeda é irmã de Carlos Alberto e eu posso escutar música em seus poemas.

Ela nos revela isto em seu Hai Kai “Música ao longe”

“Suas notas invadem
As pautas de minhas veias”

Em “Memória”, ela proclama a alegria de ser mãe.

Destaquei este poema porque ele traduz o sentimento de todas nós, mães:

“Memória”
“A brisa fresca da noite
Passeia pelo passado
Desmancha sombras e nuvens
Desvenda sonhos perdidos
Cinzela a pátina do tempo

Em desmedido fascínio
Entre rendas e poesia
Extasiada contemplo
Meu filho
Que acaba de nascer.”

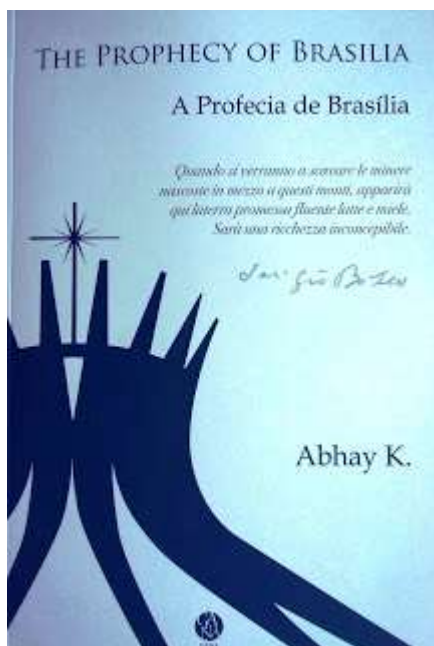
Transformar o cotidiano em poesia é a principal mensagem que Yeda Prates me passou.

Meditando em cada página de seu livro, caminhamos juntas para um universo transcendente onde tudo é beleza, harmonia e luz.

Obrigada, Yeda, por sua mensagem de paz. Com poucas palavras você consegue tudo.

19 de novembro de 2019

ABHAY K., UM POETA DIPLOMATA





*Fotos de Maurício Andrés

Abhay K. é um jovem poeta diplomata indiano, autor de vários livros já publicados no circuito internacional.

Abhay K. está desenvolvendo em Brasília um belo trabalho de intercâmbio cultural entre Índia e Brasil. Ele é poeta de grande sensibilidade e através da poesia aproxima os povos.

Abhay K. é diplomata, sua linguagem é direta e descreve com muito carinho a cidade de Brasília.

Tenho nas mãos o seu livro “A profecia de Brasília” e dentro de sua linguagem poética redescubro a nossa capital.

O poeta nos revela uma visão extraordinária, onde a profecia de Dom Bosco abre espaço para o visionário.

Brasília não é apenas uma cidade onde a ambição de poder parece imperar.

Ela é clara e luminosa e foi construída por grandes artistas.

Vale a pena transcrever alguns versos do diplomata - poeta que enxergou a nossa capital como

aquela que o italiano Dom Bosco enxergou em sua visão:

“Entre os paralelos 15 e 20 havia um leito muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Então uma voz disse repetidamente, quando escavarem as minas, escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a grande civilização, a terra prometida, onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza inconcebível!”

Abaixo transcrevo alguns versos do poeta:

“BRASÍLIA II

Um sonho na alvorada
Que é logo esquecido
Quando os olhos abrem.

BRASÍLIA III

Águas violetas
Terra índigo
Árvores azuis
Céus verdes
Flores amarelas
Nuvens vermelhas
No arco-íris
De Brasília

BRASÍLIA IV

O arco esticado
E uma flecha
No coração
Da América do Sul.

O PLANETÁRIO DE BRASÍLIA

Um polígono
Onde você pode conhecer
Um alienígena real.

CÉUS DE BRASÍLIA

Nuvens brancas

No sambódromo

De céu azul luminoso

CANDANGOS

Pessoas que construíram um avião

Do nada

São lembrados carinhosamente

Com uma escultura

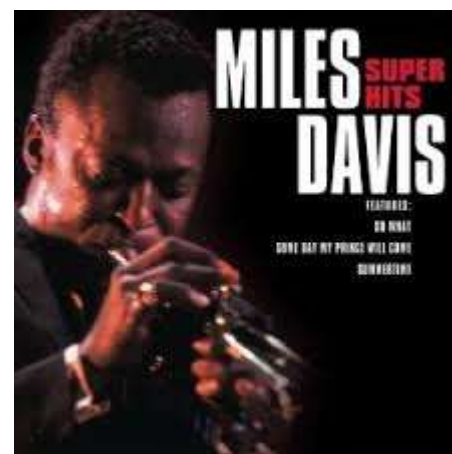
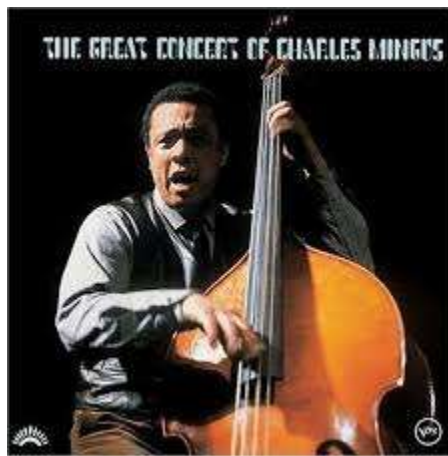
Parecida com um casal alienígena

Na praça central da cidade.”

21 de agosto de 2018

CAMINHOS DO JAZZ





*Fotos da internet

Quando as diversas formas de arte se encontram, aceleram o processo de criação. Há um potencial de sinergia que se projeta à distância pelo simples fato de ouvir e participar de um poema, um drama, uma pintura, uma música.

Esta ressonância fomos encontrar no livro de Paulo Vilara intitulado *Jazz! Interpretações. Pequenas histórias de fúria, dor e alegria*. Percorrendo as páginas do livro, percorro também os bairros de New York, principalmente o *Greenwich Village*, situado junto à praça *George Washington*. Nesta praça, o visitante é recebido por senhoras de idade, que indicam caminhos e hotéis aos turistas. Não cobram nada e fazem tudo com muita cordialidade.

O *Village Vanguard* é o ponto de encontro de intelectuais e artistas, lugar onde poetas e músicos se manifestam. Revejo estes pontos criativos em várias partes do mundo, em Paris no *Café de Flore*, em New York no *Village Vanguard* e em Belo Horizonte na *Asa de Papel*

Paulo Vilara é grande apreciador de jazz, seu livro alcança com precisão as reuniões musicais, investiga comportamentos e ultrapassa a realidade com o poder da imaginação. Seus textos são situações imaginárias que dariam um belo roteiro de teatro.

O livro de Vilara descreve com tanta precisão um cenário, que dificilmente acreditamos ser pura ficção. Ao som do jazz toda uma história de vida é recontada e os artistas negros ganham um status internacional que ultrapassa as desavenças, os preconceitos e as discriminações. Eles são realmente arautos de um povo oprimido e o conseguem, não através dos discursos, mas da música. Esta música envolvente transpõe distâncias e a voz de Billie Holiday e Ella Fitzgerald nos chega aos ouvidos e continuará viva através dos tempos.

Coube a um escritor de Minas Gerais a aventura de percorrer cenários, situações, vivências à distância, seguindo sua própria intuição e criatividade. Paulo Vilara é poeta, pesquisador, cineasta e escritor de qualidade, realiza no seu trabalho uma síntese das artes, importante para testemunhar a época em que vivemos. A imaginação do poeta pode atingir a lua e as estrelas, aterrissar em New York ou Paris, sem precisar dos cansativos voos internacionais.

Parabéns a Paulo Vilara, seu caminho já está aberto, vá em frente!

28 de outubro de 2019

STANISLAVSKI E BOAL



*Fotos da internet

Constantim Stanislavski treinava o ator por meio do autoconhecimento. Para representar o personagem, ele teria que se conhecer, analisar suas reações, investigar suas ansiedades, seus reflexos, sentir os impulsos internos e a reação exterior a estes movimentos. Observar-se, situar-se, perguntar a si próprio: “quais das minhas ideias, desejos, esforços, qualidades, deficiências e dotes

inatos, pessoais e humanos, podem forçar-me, como homem e como ator, a adotar em relação às pessoas e aos acontecimentos uma atitude semelhante à do personagem que estou interpretando?” Tais indagações, feitas para o ator se afinar com o personagem, constituíam também um caminho para a compreensão dos altos e baixos de sua personalidade e de seu relacionamento com outras pessoas.

Stanislavski fundamentava suas idéias na busca da realidade interior: “A ação cênica é o movimento da alma para o corpo, do centro para a periferia, do interno para o externo, da coisa que o ator sente para a forma física.”

“Só é cênica a criatividade que se fundamenta na ação interior.”

Toda a sua obra está baseada nesse movimento interno que se exterioriza. O corpo é o instrumento que irradia os impulsos da alma: o semblante, o olhar, a mímica, o gesto, as mãos, os pés, a entonação.

O ator tem que compreender esse relacionamento entre corpo e alma, impulso e movimento, para saber interpretar bem seu papel. Precisa estar consciente de si próprio, atento a todos os seus movimentos internos e às suas reações diante dos fatos.

Augusto Boal, autor e diretor teatral brasileiro, criou o Teatro do Oprimido, difundido em vários países do mundo. O Teatro do Oprimido surgiu da experiência de interação com plateias populares e, no dizer do próprio autor, “pretende libertar o artista que existe dentro de cada um de nós”.

Boal nos mostra, no seu livro *Hamlet e o Filho do Padeiro: Memórias Imaginadas*, como a experiência no teatro pode tocar níveis mais profundos da personalidade do ator: o ator pode ser, hoje, Einstein, Chaplin, Gandhi e, amanhã, lixeiro, coveiro, pária analfabeto. Eu quis dizer – creio ter dito! – que o ser humano é capaz de mergulhar nas suas profundezas e emergir com personagens insuspeitados, potencialidades escondidas, submersas na sua recôndita pessoa. Ser ator significa mergulhar esse mergulho, despertar personagens que borbulham na panela de pressão do nosso inconsciente.

Na Europa, Augusto Boal desenvolveu trabalhos interessantes, como o ateliê iniciado em Paris, em 1982, no qual usava técnicas introspectivas, “um processo terapêutico, mas sem ser terapia”; nenhum dos participantes tinha mais autoridade do que os outros e todos partiam de um relato individual, uma história particular que era pluralizada no grupo.

Boal teve oportunidade de estudar, nos EUA, o método Stanislavski de interpretação. Dentro dessa linha do fazer artístico, direcionado à busca de si mesmo e da reflexão, o ator estaria desenvolvendo todo um processo de transformação pessoal, que certamente poderia se refletir no processo de transformação de seu meio social. (Trecho do meu livro “Os Caminhos da Arte”, Editora

CARTAS POÉTICAS



Fotos: Leandro Luppi

Cartas Poéticas é um espetáculo que se realiza como o I Ching dos chineses, captando a resposta a uma indagação. A resposta já está guardada no coração de quem faz a consulta, só que a mente do espectador que faz a consulta não tem consciência dela. O espectador e participante sobe

ao palco, coloca as mãos na mesa, concentra-se na pergunta. As cartas têm a resposta que é traduzida em forma de música e poesia. Essa captação de energias semelhantes é o encontro do desconhecido que existe dentro de nós, nos subterrâneos luminosos de nosso inconsciente. Luciano, como ator, dá o toque inicial e conduz os cantores com o olhar. Quando fala, seu discurso convence, tem o calor do momento, da improvisação. O espectador está atento à pergunta aguardando a resposta exata. Quando ela é revelada de forma poética, ele se sente tocado e muitas vezes chora.

Luciano, Ivana e Evaldo conduzem esse evento de arte para uma participação real do público. Ali a arte está no canto, na poesia e na própria escolha das cartas. Luciano é diretor de teatro e sabe conduzir o evento a um estado energético onde a emoção se revela e se transforma.

Os sábios chineses descobriram esse momento e criaram os hexagramas do I Ching.

Stanislavski fazia do momento de criatividade uma forma de autoconhecimento e Grotowski dinamizava a participação do público.

Cartas poéticas promove o encontro do público com a poesia e o canto de forma direta, sem análises ou explicações. É ali, naquele momento mágico que as coisas acontecem e se clareiam. O trio das cartas vai levando sua mensagem aos empresários, aos asilos, às escolas.

No dia 17 de setembro, no Teatro da PUC em Belo Horizonte, aconteceu um evento de cartas para um público jovem, alunos daquela universidade. Sentada no banco da frente, eu podia assistir de perto àquele espetáculo teatral onde as artes se encontravam para promover uma síntese emocionante. Na semiobscuridade da sala toda pintada de preto, os holofotes projetavam formas e sombras nas paredes, focalizando os artistas e a plateia. Todos nós fazíamos parte do mesmo evento criativo. A arte do século XXI é uma arte que se estende a vida de forma abrangente, não está guardada em museus. Cartas Poéticas é um exemplo disso.

30 de setembro de 2009

CARTAS POÉTICAS NO GRUPO TERRA MATER

Centro de Desenvolvimento Humano **TERRA MATER**



Cartas Poéticas

Cartas Poéticas é um show interativo no formato de consultas poéticas e musicais, onde cada espectador poderá fazer uma pergunta mental e ter a sua resposta em forma de poesia e música. Ao final da consulta, o espectador receberá uma cópia da poesia e da letra da música que acabou de ouvir.

Este espetáculo existe desde 1996 e já foi apresentado em várias cidades no Brasil, além de Espanha, Portugal, Chile e Cuba.

Grupo Voz e Poesia integrado por Luciano Luppi e Ivana Andrés.

Sábado, 18 de março, 17:30 h - Entrada livre e gratuita - Igreja de Santo Antônio - Santa Cruz Cabrita



*Fotos de arquivo

Há muitos anos tenho assistido a apresentações do espetáculo “Cartas Poéticas” do grupo “Voz e Poesia”. Sempre é um espetáculo diferente.

Cartas Poéticas, para mim, se realiza como o I Ching dos chineses, captando a resposta a uma

indagação. A resposta já está guardada no coração de quem faz a consulta, só que a mente do espectador que faz a consulta não tem consciência dela. O espectador sobe ao palco, coloca as mãos na mesa, concentra-se na pergunta. As cartas têm a resposta que é traduzida em forma de música e poesia. Essa captação de energias semelhantes é o encontro do desconhecido que existe dentro de nós, nos subterrâneos luminosos de nosso inconsciente.

Cartas poéticas promove o encontro do público com a poesia e o canto de forma direta, sem análises ou explicações. É ali, naquele momento mágico que as coisas acontecem e se clareiam.

Segundo Ivana, o grupo "Voz e Poesia" teve início em 1992 com shows poético- musicais onde poesia, música, contos e textos literários de grandes autores se misturavam e se entrelaçavam numa costura emocionante e criativa. A proposta do grupo era tocar a sensibilidade do público com um show que lembrava a Música Popular Brasileira da década de 60. Como os inesquecíveis shows dos anos dourados, o ponto forte do espetáculo está na mensagem, no conteúdo cheio de emoções, fortes ou suaves, de autores do porte de Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, José Régio, Cecília Meirelles, Rilke, Adélia Prado, Kalil Gibran, Jorge Luis Borges, Milton Nascimento, Caetano, Gil, Violeta Parra, John Lennon e muitos outros.

Buscando a diversidade e sempre pesquisando novos autores, os artistas puderam montar opções de shows que atendem a plateias específicas de forma flexível e criativa. Desta forma, podem ser extraídos do repertório poesias, contos e músicas que trata de temas como: natureza, qualidade de vida, relacionamento afetivo, espiritualidade. Muitas vezes o show integra oficinas, vivências ou palestras administradas pelos artistas em empresas, instituições ou eventos em que atuam como facilitadores, utilizando técnicas artísticas para o desenvolvimento pessoal e empresarial.

Muitas vezes o grupo se apresenta como duo, apenas Luciano Luppi interpretando os poemas e Ivana Andrés cantando "à capella". Como duo eles se apresentaram na oca indígena que sedia o grupo "Terra Mater", no sul da Bahia.

Abaixo transcrevo trecho do diário de viagem de Ivana:

"É final de tarde e o sol deixa passar uma claridade através das palhas da oca. Já testamos o som e iremos eu e o Luciano compartilhar um único microfone. Há mais de 20 anos temos este espetáculo interativo de consultas poéticas e musicais. Quem quiser irá levantar a mão, fazer uma pergunta mental e eu irei levar o leque de cartas. A carta escolhida será interpretada por nós como uma resposta. No final da consulta a pessoa irá receber uma cópia da poesia e da letra da música. Estou um pouco tensa porque vou cantar sem acompanhamento, à capella. Sinto falta do meu parceiro, do Evaldo Nogueira.

O show começa, há silêncio e não sabemos se as pessoas estão gostando. A luz batendo contra

os espectadores sentados, não nos deixa ver seus rostos. Luciano sugere fazer uma carta para encerrar, mas as pessoas continuam a levantar o braço. Foram-se todas as 16 cartas em quase 2 horas de espetáculo. Nem vimos passar o tempo.

No final o José Roberto Ayres foi dizer um agradecimento e as palavras não vinham. Foi um silêncio cheio de palavras. Outros tomaram o microfone e as palavras foram emoção pura, depoimentos inesquecíveis. Depois foi uma turma grande para uma pizzaria tomar cerveja e celebrar este encontro.

3 de abril de 2017

VOZ E POESIA



Fotos: Leandro Luppi

Estamos vivendo uma época de retorno às nossas origens. Um retorno muitas vezes de atitudes que nos remetem a valores da própria essência do ser humano e que apontam para uma abertura de consciência e uma transformação da sociedade. Sabemos que os antigos gregos eram também poetas e os antigos hindus eram também cantores. Poesia e música transmitiam em seu contexto a antiga sabedoria do mundo. No mundo contemporâneo esta transversalidade está sendo estudada por filósofos e pensadores da arte. O saber está sendo transmitido de geração em geração

em forma de poesia e canto. Nesta síntese das artes, onde a poesia encontra a filosofia e a música, existem grupos que vêm trabalhando há muito tempo neste caminho que espontaneamente liga arte, ciência, religião e filosofia.

São poemas, cânticos e vídeos apresentados de forma circular como os antigos grupos. A tônica é a busca da Unidade do Século XXI, que se sobrepõe à separatividade do Século XX. Estamos divulgando como um exemplo desta volta às origens, o trabalho pioneiro dos poetas e cantores Luciano Luppi, Ivana Andrés e Evaldo Leoni, que apresentaram seu espetáculo interativo “Cartas Poéticas” no Teatro Don Silvério em Belo Horizonte. Transcrevo abaixo algumas poesias deste espetáculo:

SOBRE OS FILHOS

Vossos filhos não são filhos vossos.

São os filhos e as filhas do desejo ardente da vida por si mesma.

Eles vêm através de vós, e embora vivam convosco, não vos pertencem.

Podeis presentear-lhes com vosso amor, mas não com vossos pensamentos,

Porque eles têm seus próprios pensamentos.

Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas,

pois suas almas moram na mansão do amanhã,

que vós não podeis visitar, nem mesmo em sonho.

Podeis esforçar-vos por ser como eles,

mas não procureis fazê-los iguais a vós,

porque a vida não anda para trás,

e nem permanece nos dias que já se passaram.

Sois como o arco do qual vossos filhos

são arremessados como flechas vivas.

O Arqueiro mira o alvo na direção do infinito,

e vos estica com toda a sua força,

para que suas flechas se projetem rápidas, para muito longe.

Para vossa alegria, deixai-vos curvar pela mão do Arqueiro,

Pois assim como ele ama a flecha que voa,

ama também o arco que permanece estável.

(Khalil Gibran)

HOUVE UM INSTANTE

Houve um instante

Em que todas as músicas do mundo

Marcaram encontro com o pôr do sol

Em que a brisa pegou carona com o arco-íris

E foi testemunhar a chegada dos pássaros da primavera

Houve silêncio

Um silêncio terno e quente

Silêncio de mar

De amanhecer

Um perfume lento de todas as flores da terra

E uma paz maciamente infinita

Houve um instante

Em que tudo isto aconteceu ao mesmo tempo

E no mesmo lugar

No meu coração

Perguntei a Deus o nome de tanta poesia

A resposta veio à noite

Com as estrelas

Amor

(Antonio Roberto Soares)

26 de maio de 2011

MORTE E VIDA SEVERINA





Fotos: Guto Muniz

No dia 28 de setembro de 2011, estreou no Teatro da Cidade em BH, a peça “Morte e Vida Severina”, montada por Pedro Paulo Cava. Ontem iniciou nova temporada na Campanha de Popularização do Teatro e da Dança, devendo ser apresentada de quarta a domingo até 4 de março.

A peça é forte e traz em toda a sua intensidade a vida do retirante nordestino e as injustiças de um país cheio de contrastes. Nele a condição humana é tão extrema a ponto de reservar a cada pessoa apenas um retângulo de terra, sua própria sepultura, “a parte que te cabe neste latifúndio”. Chico Buarque e João Cabral de Melo Neto se completam neste musical dramático. A série “Retirantes” de Portinari, projetada numa cortina de elástico no fundo do palco permite aos atores “entrar ou sair do quadro” como se eles fossem os próprios retirantes. A plateia também se sente profundamente sensibilizada pelo drama dos retirantes, que é também o drama de nosso planeta, com suas injustiças sociais. Este recurso de reunir a poesia de João Cabral com a música de Chico Buarque e as telas de Portinari é uma síntese das artes postas em ação, para maior impacto da plateia.

Pedro Paulo Cava escreveu um texto para o catálogo e transcrevo aqui uma parte de seu depoimento: “O teatro é a angústia dos homens em forma de poesia e movimento. Ofício complicado, intrincado, repleto de armadilhas nas palavras dos autores, na boca dos atores, nos corpos que suam sobre os palcos do mundo. Beleza e magia que encanta e emociona porque é vivo, pulsante, indignado e precisa de cúmplices e testemunhas para que morte e vida, vida e morte aconteçam todas as noites. O teatro é a perplexidade diante da condição humana. Ninguém o escolhe como forma de expressão e fica impune. Loucura e lucidez que conduz poemas como o de João Cabral a ganhar músicas de Chico Buarque e se transformar num canto à vida diante da

presença constante da morte. A eles adicionei um Portinari que deu cores ao sofrimento dos brasileiros mais desprovidos de vida e cidadania. Três gênios que se completam. Espetáculo que costurei lentamente, buscando nas entrelinhas e nas formas da encenação, uma resposta qualquer para a “severinidade” que vivemos. E mais uma vez encontrei ar, poesia, paixão, alegria e música no ato de criar. Reafirmei a minha convicção de que é essencial se emocionar diante do espetáculo que a vida descortina à nossa frente, porque os sentimentos são os motores vitais dos nossos corpos frágeis que caminham apressados em direção ao fim. São elas, as emoções, que nos mantêm vivos e alertas neste trajeto, sempre adiando o encontro fatal.

O que desejo? Apenas que espectadores se juntem aos atores nesta noite e em todas as outras, desfrutando a poesia da vida, mesmo que seja esta, franzina, apaixonante, comprada a retalhos todos os dias.” (Texto extraído do catálogo do espetáculo)

Na estreia de “Morte e Vida Severina” em 28 de setembro de 2011, na Pequena Galeria do Teatro da Cidade, tive a surpresa de ver Ferreira Gullar expondo serigrafias dos anos 50, de ótima qualidade, que revelam a sua face de artista plástico, além de poeta e crítico de arte. O espetáculo recebeu a premiação de “Melhor Cenário” no Prêmio SESC SATED pelo excelente trabalho de Paulo Viana, além de ter recebido indicações para outros prêmios.

No elenco: Tiago Colombini, Luiz Gomide, Adilson Maghá, Evaldo Nogueira, Luciene Lemos, Diorcélio Antônio, Priscila Cler, Gustavo Marquezini, Meibe Rodrigues, Adriano Alves, Fabiane Aguiar, Jefferson de Medeiros, Júlia Borges, Maria Tereza Gandra e Ivana Andrés.

(Para maiores informações sobre os espetáculos, exposições e demais ações culturais nesses 20 anos do Teatro da Cidade, ver o site www.teatrodacidade.com.br)

7 de janeiro de 2012

O BRANCO DO MUNDO





*Fotos de arquivo

“Bem-vindo ao Teatro Nossa Senhora das Dores. Quem roubou o branco do mundo?”

Uma turma de crianças sai na maior algazarra, outros entram.

Sentamo-nos no fundo, atrás das crianças. Esta peça já viajou, percorreu cidades no Brasil e foi montada em Portugal. A peça foi escrita por Luciano Luppi há 32 anos atrás, e nesta montagem do grupo Aldeia Comunicação e Arte tem um elenco composto por 8 atores.

A peça começa com a participação de todas as crianças. O diretor Paulo Lobo, ao microfone, indaga: “Quem roubou o branco do mundo?”

As crianças fazem silêncio aos poucos, as luzes se apagam e as cortinas vão se abrindo. Todos cantam.

Vejo um grande painel com biombos coloridos. Cada biombo representa uma cor e as cores se movem. Os personagens também são cores. Da última fileira vou apreciando o movimento das cores e das crianças, Carlinhos e Duda, em busca do branco. O branco do mundo desapareceu. Quem roubou o branco do mundo? Em torno desta busca a peça se desenrola. Cores diversas se

movimentam, cantam, dançam, sobem e descem dos blocos de cores colocados no chão. Estão numa fábrica de tintas e competem umas com as outras em busca do sucesso.

Há dois personagens principais, os outros são cores em forma de gente, gente em forma de cores.

Às vezes vejo o Oriente nos leques, nos biombos, nas sombrinhas. Apenas vejo e sinto a beleza e a leveza da peça. Cantam os atores, canta a plateia, as crianças participam, vibram, ninguém sabe onde está o branco.

No centro do palco, um círculo mostra o famoso disco de Newton com todas as cores. O disco deve rodar para mostrar aos jovens, de forma criativa, uma das descobertas da ciência. De acordo com a velocidade, as cores vão desaparecendo, para surgir o branco. Na realidade, todas as cores contêm o branco. É só rodar o disco para ver.

Quando as cores enxergam o branco no disco de Newton, elas compreendem que o branco é luz e não pigmento. E que cada uma tem a sua luz interna. É só se darem as mãos para voltar a existir o branco, para voltar a paz e a harmonia.

Se as cores
nos chegam
em forma
de dores
Por que lamentar?
Coloque essas
Cores
No disco
De Newton
E deixe
Girar.
E gire.
Girando
A dor
Vai passar.

3 de julho de 2017

A RIBALTA DE LUCIANO LUPPI





*Fotos de arquivo

Fios espalhados

Pelo chão

Máquinas

Holofotes

Projetores

Câmeras

Ipads.

Gente

Para administrar

Os aparelhos

Gente atenta

Filmando.

Observo

O que acontece

Com a filmagem

Por detrás

Da cena.

Como dá trabalho

Produzir um programa de TV!

Na minha casa

Improvisaram
O cenário
para filmar Luciano Luppi
No programa Ribalta
Da TV Minas.
Vejo as cenas
Por detrás das cenas.
Luciano está no centro
De boné.
Ivana está ao seu lado.
Pedro Paulo Cava
Faz parte da cena
E lembra Galileu Galilei
Quando Luciano era aplaudido
Em cena aberta.
Ivana lembra outras cenas
Cartas Poéticas
Em cartaz há 21 anos.
Lembro de outras cenas:
Luciano interpretando
Capuleto
Pai de Julieta
Do Romeu.
E Fernando Pessoa
Grande poeta português
Um dia interpretado
Com grande expressividade
No meu Instituto.
Filmes, novelas da Globo
E o Teatro
A grande paixão do Luciano.
Mais que o teatro, só a Ivana.
E Ribalta termina

Com um beijo
Cinematográfico.

7 de agosto de 2017

CAMILLE CLAUDEL



*Fotos de Carolina Lobo

Hoje vou falar
Da grande surpresa
Que todos
Tivemos
Ao ver a Ivana
No palco
Representando
Camille Claudel.
Realmente é
Surpreendente
Ver uma peça
Tão dramática
Representada
Por Ivana.
Ela consegue
Transmitir
Para a plateia
A alma e
O sofrimento
De uma artista
Plástica
Que sofre a
Rejeição e
O abandono
Das pessoas
Que ela mais
Ama.
Camille Claudel
Foi grande
Na arte
E grande no
Sofrimento.

Suas cartas
Seus diários
Denunciaram
O sentimento
De ser
Injustiçada
E rejeitada
Afetivamente
E profissionalmente.
Camille Claudel
Viveu em Paris
Seu nome surgiu
Do impacto
De suas esculturas
Que ficaram famosas
Depois de sua morte.
Aconteceram mostras
E o mundo inteiro
Conheceu a
Grandeza
De sua arte
Mas a artista
Incompreendida
E rejeitada
Terminou seus dias
Num manicômio.
As cenas do teatro
Comovem o espectador
Porque são
Extremamente verdadeiras.
Ivana Andrés
Dirigida por
Luciano Luppi

Apresentou um espetáculo
De grande autenticidade.
Dramático
E sensível
Ele comove
O espectador
Interpretando
Uma realidade
Mais profunda
Escondida nos
Labirintos
Do ser humano.
Teatro é vida
E a vida ali está
Para denunciar
E promover mudanças.
Ivana neste espetáculo
Mostra o seu potencial
Dentro das diversas
Formas de arte
Desenhista, cantora
Cenógrafa
Dramaturga
E agora intérprete.
Esta forma multimídia
De fazer arte
É uma característica
Do século XXI.

29 de agosto de 2017

MEMÓRIAS DE UM CÃO DE VIRGÍNIA WOOLF

Ivana Andrés Evaldo Nogueira
Luciano Luppi Marluce Cerqueira



MEMÓRIAS DE UM CÃO
DE VIRGÍNIA WOOLF

TEATRO DA ASSEMBLEIA
Rua Rodrigues Caldas, 30
Sto Agostinho, BH

23, 24 e 30 nov
1º, 7 e 8 dez
Sáb e dom 20h

Ingressos promocionais R\$ 15
no www.vasoteatromg.com.br

Na bilheteria
R\$ 30 e R\$ 15

PARCERIA  ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA
DE MINAS GERAIS





*Fotos de Cecília Fernandes e Kátia Assis

O Espetáculo performático, “Memórias de um cão”, baseou-se no livro de mesmo título, cuja autora, Virgínia Woolf, inspirou-se em cartas que sua amiga, a poetisa Elizabeth Barret escrevia para seu namorado. Nessas cartas, as frequentes citações de um cãozinho de estimação, o Cocker spaniel chamado Flush, despertou a atenção de Virgínia para a forma como o afeto e a lealdade do cão era capaz de provocar mudanças determinantes no humor e comportamento de sua dona.

Como tantos cães, Flush conhecia mais sobre o ser humano do que o próprio homem. Os cães estão permanentemente atentos aos seus donos e percebem, com um instinto que mais se aproxima de uma grande sensibilidade e intuição, os sentimentos humanos.

O olhar amoroso de Flush sobre sua dona é o olhar do amor universal, que tudo aceita e tudo compreende. Com extrema sensibilidade, ele vê o mundo sob a lente do amor.

Sob esta lente a comunicação é perfeita, mesmo sem palavras. Flush nos ensina, de forma encantadora, o mais importante sobre nós mesmos, o que viemos aprender na nossa viagem a este mundo: a lealdade, o respeito e sobretudo o amor incondicional. E tudo isto sob a pena sensível e inovadora de Virgínia Woolf, que fez de uma narrativa simples um texto grandioso.

O cuidado e a afeição que os seres humanos têm por cães e gatos é talvez consequência de relações humanas competitivas e excludentes, que levam as pessoas a experimentarem sentimentos de solidão e depressão. Animais de estimação representam o afeto, o cuidado, a atenção e a lealdade, a compreensão e a cooperação que perdemos nas nossas relações com indivíduos de nossa própria espécie.

É um espetáculo interativo, onde contação de histórias, música e artes plásticas estarão juntas, numa homenagem e valorização da figura do cão, chamado, muitas vezes, de “melhor amigo do homem”. Pessoas da plateia que tenham cães de estimação, podem participar, enviando, previamente, para a produção do espetáculo, imagens de seus cães. Essas imagens serão projetadas

num telão durante o espetáculo e ali, diante de todos, servirão como inspiração para desenhos realizados em cena pela atriz e artista plástica Ivana Andrés. Enquanto Ivana desenha, Luciano Luppi e Marluce Cerqueira contarão trechos da história de Flush.

Tudo será permeado com canções, músicas instrumentais e efeitos sonoros executados por Evaldo Nogueira. Tanto o cenário quanto os figurinos serão em cores claras, a fim de ressaltar as cores das imagens projetadas, bem como os desenhos executados ao vivo. Dessa forma, o espetáculo irá se colorindo, de acordo com as imagens enviadas pelos espectadores. A participação deles irá determinar as cores do espetáculo.

4 de dezembro de 2019

CAMPANHA DE POPULARIZAÇÃO DO TEATRO E DANÇA EM BH





*Fotos de arquivo

Em janeiro e fevereiro realiza-se em Belo Horizonte, a 44ª Campanha de Popularização do Teatro e da Dança.

Segundo Rômulo Duque, presidente do Sinparc, “fazemos arte porque ela nos salva. Fazemos arte porque ela nos abre horizontes e nos faz pensar. Fazemos arte porque queremos um mundo melhor, livre de preconceitos e da intolerância. Buscamos a alegria, buscamos o sorriso, a reflexão. Queremos a união. Por isto o nosso convite para que neste espaço da Campanha, possa haver o encontro entre as pessoas, entre as idéias, entre as pessoas e as idéias.”

Considero esta iniciativa de grande importância e aproveito a oportunidade para transcrever trecho de meu livro “Os Caminhos da Arte”, escrito na década de 70.

“A arte dramática e o teatro tiveram suas origens na Pré-história, quando os primeiros homens se reuniam em torno do fogo interpretando as atitudes e os gritos dos animais a fim de assegurar o sucesso de suas caçadas. Usando máscaras, cantando e dançando, procuravam controlar também as forças da natureza. A evolução do teatro partiu da magia para os rituais iniciáticos, nos quais os jovens se preparavam para a obtenção de poderes sobrenaturais.

O teatro antigo, tanto na Grécia como na Idade Média, estava ligado aos rituais religiosos. Na Idade Média, os mistérios da fé eram interpretados, na própria igreja ou nas praças de mercado, pelas corporações religiosas.

É difícil traçar o limite exato a partir do qual o rito religioso transformou-se em teatro comercializado, e o drama espiritual em pantomima pagã, destinada à distração. Este fenômeno marca a decadência da tragédia clássica, como na Grécia.

No Japão, as formas de arte dramática estão ligadas à tradição religiosa, proporcionando ao espectador um clima essencialmente espiritual. Dentro dessa linha podemos situar o KABUKI, o NOH e o TEATRO DE MARIONETES.

Atualmente, no mundo ocidental o teatro também visa à conscientização do ser humano, começando pelo próprio ator. Procurando despertar a criatividade e a sensibilidade dos artistas para a interpretação de papéis, uma escola de arte dramática torna-se também uma escola de vida.” (Trecho do livro “Os Caminhos da Arte”)

Três pessoas da nossa família participarão da Campanha de Popularização do Teatro. São elas Luciano Luppi, com os espetáculos “Outras Pessoas”, “Lisbela e o prisioneiro” e a autoria dos espetáculos infantis “Pinóquio” e “Quem roubou o branco do mundo”.

Ivana Andrés atuará nos espetáculos “Camille Claudel” e “Quem roubou o branco do mundo”. Cristina Cortez, esposa de Manuel Rolim Andrés, atuará no espetáculo “Boca de Ouro” de Nelson Rodriguez.

8 de janeiro de 2018

SUITE BURLESCA DOM QUIXOTE DE LA MANCHA





*Fotos de Ivana Andrés e Cely Barral

A apresentação da Suíte Burlesca Dom Quixote no Teatro da Assembléia de BH, promoveu um encontro entusiástico entre as formas de arte – música de alto nível, desenho, teatro, marionetes, intercalados pela interpretação do Luciano e a performance de Ivana.

A Orquestra 415 de Música Barroca é uma referência para quem gosta de música erudita. Inaugurada em 2012, consegue se manter até hoje sem patrocínio de leis de incentivo. Sua lei de incentivo vem de dentro, do jovem guerreiro das artes, André Salles Coelho, flautista e diretor da Orquestra. André vem pesquisando a música barroca há muito tempo, desde a adolescência e agora realiza concertos com grande sucesso, buscando a integração de outras formas de arte.

Sentada na primeira fila, pude apreciar de perto o espetáculo que reuniu música, artes

plásticas, poesia, literatura e teatro de marionetes. Dom Quixote inspirou a criação da peça e dos desenhos realizados ao vivo.

Seus intérpretes são também quixotescos, porque não enxergam obstáculos para realizar aquilo que acreditam.

E, nesta atitude quixotesca vão em frente, reunindo em torno de si a simpatia e a admiração da plateia.

Dom Quixote era uma figura inesquecível da Idade Média na Europa, que até hoje continua sendo um símbolo para aqueles que desvendam o mundo e ultrapassam com atrevimento, ousadia e coragem todos as dificuldades.

Abaixo transcrevo o texto de André Salles Coelho, sobre o espetáculo e sobre a Orquestra 415:

“Dom Quixote é um espetáculo cênico-musical baseado na suíte burlesca de Dom Quixote de G. P. Telemann e com textos originais da obra de Miguel de Cervantes. No palco os atores Luciano Luppi e Ivana Andrés misturam atuação, bonecos, sombras e desenhos realizados em tempo real com as músicas executadas ao vivo pela Orquestra 415, sob a regência do maestro Eduardo Fonseca. Iniciar mais um ano de temporada é sempre uma alegria enorme e um desafio severo. Estamos caminhando para nossa quinta temporada de sucesso provando que podemos realizar uma programação anual sem nenhum patrocínio, sem nenhuma ligação institucional, apenas com o respaldo do público. Agora queremos ir além, com apresentações mais ousadas. Este ano teremos vários concertos diversificados, com maestros convidados, solistas, corais e espetáculos cênico-musicais. A Orquestra 415 de Música Barroca é hoje a única orquestra do Brasil especializada em música barroca com instrumentos de época (cópias fiéis de instrumentos originais do período) a realizar concertos mensais, regulares, com repertórios variados.

Os desafios de levar uma temporada assim são imensos, já que uma orquestra tem muitas demandas e, no nosso caso, são maiores ainda, pois tudo, instrumentos, partituras, interpretação, formação da orquestra, é tudo muito particular, especial, artesanal, o que exigiria muito investimento. E como não temos nenhum apoio, temos que fazer tudo na raça, na garra”.

23 de abril de 2019

FESTIVAL VIVA JECEABA



Fotos de Ivana Andrés

Quando meus filhos eram pequenos, eu me deslocava de trem, saindo de Belo Horizonte para Entre Rios de Minas. A locomotiva saía sacudindo pelos trilhos e, entre mamadeiras e mingaus esquentados em fogareiro, chegávamos à estação de Jeceaba. Ali, nos esperava a “jardineira” de Chico Marzano. A viagem era divertida, as crianças apreciavam a paisagem passando rápida através dos vidros do trem. Jeceaba, ou Camapuã era parada obrigatória.

Hoje, a cidade cresceu e está desenvolvendo um projeto cultural, o “Festival Viva Jeceaba!” Ivana, Luciano e Evaldo, integrantes do Grupo “Voz e Poesia” participaram do festival com um show poético musical e com a oficina “Descubra o seu talento artístico” . Ela teve como objetivo, despertar e desenvolver o potencial artístico de cada participante, individual e coletivamente. Em atividades individuais e coletivas, o participante entrou em contato com técnicas diversas de expressão artística, nas áreas de canto, teatro, poesia e artes plásticas.

O Festival nos convida a ‘viver’ e ‘sentir’ Jeceaba por meio do teatro, oficinas e música. Em sua terceira edição, o evento visa multiplicar a promoção e difusão de cultura, instigar o conhecimento, promover formação e, principalmente, ampliar nossa conexão com a cidade. Voltadas para crianças, adolescentes e adultos, as oficinas aconteceram em Jeceaba e nas APAEs de Congonhas e Entre Rios de Minas. Em Jeceaba foram realizadas as seguintes oficinas; A arte de contar histórias; Descubra seu talento artístico; Dobrarte, a arte de dobrar papel; Mural, cidades indivisíveis; Teatro de Sombras e Tintas de terra. Nas APAEs foi ministrada a oficina de “Arte e Integração”.

Jeceaba foi palco de muitos eventos, entre eles, Teatro de bonecos, Espetáculos Cênico Musicais, Roda de Capoeira, Espetáculo de Contação de Histórias, espetáculo Circense, e vários shows musicais, dentre eles o excelente trabalho de Tuca Boelsums, músico de Entre Rios de Minas. No domingo, 15 de dezembro, comemorando o aniversário da cidade, aconteceu o 6º Festival de Bandas de Música. Desfilaram, além da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição de Jeceaba, as bandas de Funilândia, Senhora de Oliveira, Lamim, Belo Vale, Desterro, Entre Rios de Minas, Congonhas e São Brás do Suaçuí.

Como diz Márcia Gomes, secretária de Cultura e Turismo de São João Del Rey, “é preciso despertar sentimentos de pertencimento e identidade. Quando fortalecidos ajudam no “estar presente”, no “pertencer”. É preciso perceber como valorizamos nossa cultura, meio ambiente, tradições, a dedicação com o futuro, a responsabilidade com nossas memórias e o comprometimento com a preservação e a valorização do nosso patrimônio material e imaterial. O pertencimento cria uma identidade no indivíduo que fará com que ele, inserido dentro de uma comunidade e num contexto específico, se empenhe para que coletivamente lute por uma sociedade mais justa.

17 de dezembro de 2019

A VOLTA AO MUNDO EM 80 MINIATURAS E ARTE SEM FRONTEIRAS



Fotos: arquivo pessoal

Ida Luppi é colecionadora de miniaturas e postais. Guarda dentro de armários envidraçados um verdadeiro exército de miniaturas que revelam o seu amor a esses pequenos símbolos. Sua

coleção ficou famosa e as pessoas da família quando voltam das viagens sempre lhe trazem como lembrança uma pequena miniatura. Ida é mãe de Luciano Luppi, ator e diretor de teatro. Luciano escreve, atua, participa de eventos com sua esposa Ivana, artista plástica e cantora.

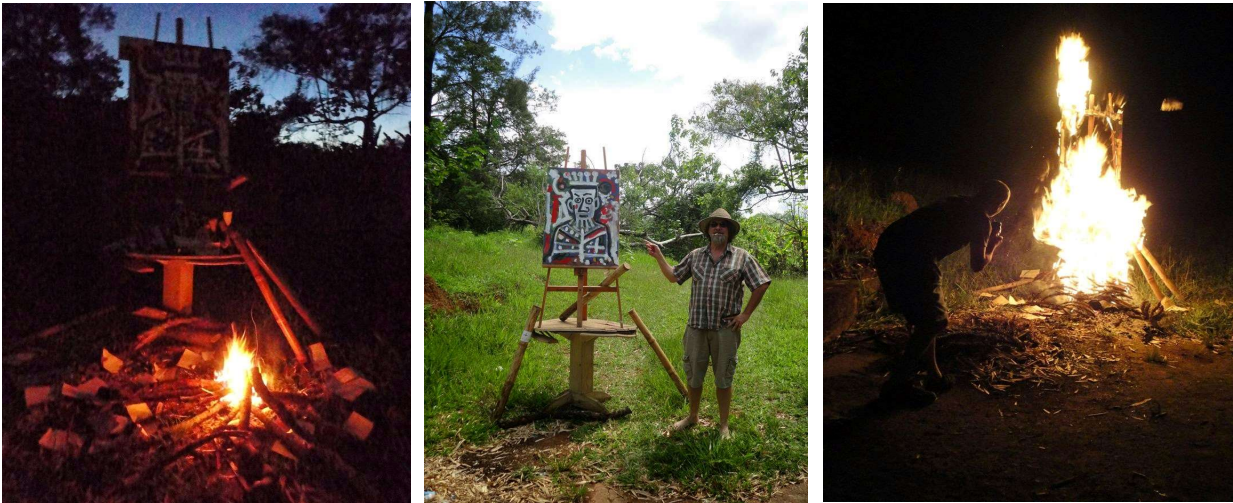
Agora o casal elaborou um pequeno palco onde as miniaturas de Ida Luppi puderam sair das vitrines para também participarem de eventos. Escolheram 80 miniaturas de diversos países, coladas no mapa de um globo terrestre para compor o espetáculo “A volta ao mundo em 80 miniaturas”. É um espetáculo que acontece em uma caixa escura decorada com cartões postais, que também pertenceram a Ida Luppi. Apresentado para 1 ou 2 espectadores, integra a proposta das chamadas “Caixas lambe-lambe” encontradas há anos em festivais de bonecos em diversos países. O espetáculo revisita o clássico de Júlio Verne “A volta ao mundo em 80 dias”, estimulando não somente os sonhos de viagem para lugares diferentes, como também para a viagem em direção ao interior de nós mesmos, a “volta para casa”. São 80 miniaturas provenientes de diversos países, coladas no mapa de um globo terrestre ou espalhadas no chão da caixa. O espetáculo tem a duração de 3 minutos e acontece com música e iluminação adequadas para a grande função de rodar o mundo. No início, mãos humanas sustentam o globo, num gesto de proteção. Durante a música, o globo gira, mostrando suas miniaturas, suas terras e seus mares. No final, um pequeno anjo sobe até sua estrela que brilha ao longe, num apelo comovente. Há um impacto emocional neste teatrinho, que ressuscita no espectador imagens da infância e sonhos de viagem da juventude. A iluminação é de Luciano Luppi e a trilha sonora é de Evaldo Nogueira e Ivana Andrés com poesia final de Luciano Luppi.

O espetáculo acaba de participar do Festival de Caixas de Teatro, que integrou o Festival Internacional de Teatro de Bonecos, no Centro Cultural Banco do Brasil, em Belo Horizonte. O casal está sempre elaborando algo novo, inclusive ajudando pessoas deficientes a encontrar um caminho dentro da arte. Trabalham com Evaldo Nogueira, músico deficiente visual e o trio já percorreu festivais de música, saraus, empresas e teatros, sempre trazendo alegria para o público.

Arte sem fronteiras é uma das mais importantes iniciativas do grupo Voz e Poesia. É uma palestra-show, focando o debate em histórias de superação. O espetáculo está ligado à causa da diversidade, em especial à da pessoa com deficiência, que é o caso de três dos cinco artistas do grupo: os reconhecidos músicos Evaldo Nogueira e Márcio Batista e a artista plástica Kátia Santana.

O espetáculo abre com uma palestra e vai sendo entremeado com canções e poesias, sendo aberto ao público para livre expressão de depoimentos. Ao mesmo tempo, Kátia Santana (cadeirante e portadora de paralisia cerebral) pinta um quadro ao vivo que, depois de pronto, é doado para a instituição.

MEMÓRIAS DE UM CAVALETE



Fotos: Eymard Brandão, Jayme Reis, Pedro Ariza e Marília Andrés

No sábado, 28 de fevereiro, houve uma *performance* na nossa fazenda em Entre Rios de Minas. *Performance* é um acontecimento que os artistas promovem para marcar eventos importantes, trabalhar o corpo e dar um toque de consciência nas pessoas. A *performance* é uma cena única, imediata. Sua função é de atuar no aqui e agora.

Não tendo podido comparecer ao acontecimento procurei senti-lo à distância, através de fotos e depoimentos. A *performance* realizada no pátio de nossa fazenda foi organizada por Jayme Reis, Marília Andrés e Pedro Ariza González. Fizeram uma fogueira das coisas velhas, papéis, telas que não deram certo e até um cavalete fora de uso, sustentando uma tela pintada por Jayme Reis com uma figura ao estilo de Picasso. Fiquei pensando na trajetória de meu cavalete que já prestou muito serviço e amparou muitos sonhos. Para que serve um cavalete? Hoje em dia, com a ampliação dos quadros para dimensões maiores, o cavalete vai caindo em desuso.

Lembro-me de um cavalete portátil que eu tive quando ainda estudava na Escola Guignard. Instalei o meu pequeno cavalete em cima da grama sustentando uma tela. O cavalete não parava em pé e eu tentava pintar assim mesmo. De repente ouvi uma voz atrás de mim: “Deste jeito é difícil pintar!” Olhei para trás, era o Roberto Burle Marx me aconselhando... Naquele tempo os grandes nomes da pintura vinham conversar com o Guignard e aconselhar suas alunas...

Agora, o meu último cavalete foi queimado na *performance* juntamente com a figura de Picasso feita por Jayme Reis, denominada *The Last Picasso*. A cena foi incrível, o céu estrelado assistiu tudo e a fogueira consumiu o quadro e o cavalete reduzindo a cinzas um pouco do meu

passado. A ideia da queima foi importante para o meu aprendizado de desapego. O cavalete foi queimado e com ele uma série de histórias. Agora, de uns tempos para cá não uso mais cavaletes. Coloco a tela no chão e vou pintando com uma vassoura de espuma. Há muito tempo deixei os pincéis, eles são usados somente para assinatura. Na década de 1960 substitui os pincéis pela esponja e o cavalete também perdeu o seu uso. A *performance* no pátio da nossa casa em Entre Rios de Minas foi de grande importância para mim, um aprendizado de vida. A queima do cavalete simbolizou a libertação do suporte. Cavalete é o suporte tradicional da pintura desde o renascimento e este cavalete virando cinzas mostrou a transformação que já estava ocorrendo na minha arte: novos meios de expressão vieram à tona tais como as pesquisas na Índia, a publicação de livros, a escultura, a fotografia e os blogs na internet. A vida e a arte continuam o seu caminho.

12 de março de 2015

DOIS NADADORES, DOIS ARTISTAS – FERNANDO SABINO E CELIA LABORNE



Fotos: Internet

Na década de 40, a criação do Minas Tênis Clube, congregou a sociedade de Belo Horizonte em torno de várias atividades tendo como prioridade o esporte.

Campeonatos de natação eram um estímulo para os jovens e sempre havia alguém que se destacava recebendo como prêmio o reconhecimento público acompanhado de medalhas e troféus.

Recordo a atuação brilhante de Fernando Sabino, nadador famoso que mais tarde se tornou também escritor reconhecido mundialmente.

Os espectadores, sentados nas arquibancadas do Minas, estimulavam o seu desempenho na piscina.

Havia uma energia positiva alimentada pelo entusiasmo da torcida e os jovens nadadores alcançavam resultados cada vez melhores.

Jornais da época noticiavam os grandes feitos e as comemorações se estendiam pelos salões da sede do Minas, nas horas dançantes organizadas aos domingos, intituladas “missas dançantes”. Fernando Sabino era o menino prodígio da época. Como nadador ou escritor estava destinado a brilhar.

Fui leitora assídua de suas crônicas e de seus livros. Fernando tinha a capacidade de narrar o cotidiano com graça e humor. O humor é importante e conduz o leitor a um relaxamento espontâneo, sem necessidade de exercícios adequados.

Muito se falou de sua morte e pouco de sua adolescência, e, foi justamente a trajetória iniciada no esporte e continuada na literatura e na música que o conduziu a ser menino aos 80 anos.

Ao longo da vida ele foi realizando seu potencial criador sempre obtendo sucesso, mas conservando uma característica necessária a todo grande artista: a simplicidade.

Fernando, como muitos intelectuais da geração 45, transferiu-se para o Rio de Janeiro, lá criou amigos e abriu novos espaços tornando-se conhecido no Brasil como um dos maiores cronistas do país. Seu livro “O encontro marcado” é adotado nas escolas e, por ser um relato do cotidiano, continuará sendo o cotidiano de cada um de nós ao longo dos tempos. O ser humano é o mesmo e suas reações são semelhantes em qualquer data.

Conversei sobre isto com minha amiga Célia Laborne, jornalista que também foi nadadora do Minas Tênis Clube na mesma época em que Fernando Sabino ali praticava a natação. Célia foi nadadora do juvenil do Minas e depois tornou-se escritora pioneira na divulgação de reflexões sobre o crescimento interno. Foi ela que me chamou para participar de um curso de yoga com George Kritikos na década de 70.

Célia, assim como Fernando, começou pelo esporte. Conquistou medalhas quando se atirava na piscina com decisão e coragem. Foi minha colega na Escola Guignard, tendo se dedicado às aquarelas.

Revejo cronologicamente o seu itinerário artístico, partindo das artes plásticas e prosseguindo na poesia, nas crônicas e nas reflexões, tendo atuado como jornalista escrevendo por muitos anos a coluna “Vida Integral” no jornal Estado de Minas.

Entre os seus livros publicados, destacamos “Caminhos de Luz”. Atualmente Célia tem um blog na internet chamado “Vida em Plenitude”, e seus poemas de grande lirismo inspiraram vídeos que

podem ser também acessados na internet.

Abaixo transcrevo um dos poemas de Célia Laborne, intitulado “A Lua viu”:

A lua viu o meu corpo sobre a areia
esperando a atração da maré
viu-me atraída para as águas
prisioneira de seu encanto.

A lua viu o mar contando-me
o segredo de seus naufragos
enquanto cobria minhas mãos
com seu estranho convite.

A lua viu quando chegaste
e ergueste meu corpo vivo
do país do nada
viu como beijei tua vida
que me despertava.

A lua viu
e não me quer dar
o teu caminho de luz.

20 de dezembro de 2016

HOMENAGEM A JOSÉ SARAMAGO



Fotos: internet

Num auditório lotado por cerca de 400 pessoas, o escritor português José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura de 1998, recebeu, no dia 29 de abril, das mãos do reitor Sá Barreto, o título de Doutor Honoris Causa da UFMG, a mais importante honraria concedida pela instituição.

Quando Saramago esteve em Belo Horizonte e se apresentou no Palácio das Artes, eu me encontrava em viagem pela Índia. Soube do seu sucesso estrondoso, das pessoas querendo vê-lo, obter autógrafos. Ele realmente foi uma pessoa carismática, de grande coragem e resolução, lutando contra os conceitos tradicionais para deixar que novas ideias apareçam.

Desconstruir ideias enraizadas, quebrar condicionamentos são também a tônica de Krishnamurti, um grande pensador indiano que eu sempre admirei. “Liberte-se do passado, seja o seu próprio mestre...” assim dizia ele: “É preciso tomar consciência de como somos condicionados pela sociedade, tradição, política, religião e família”. Rompendo com os condicionamentos podemos agir de forma independente, livre da mecanicidade que a sociedade nos impõe. “É preciso pensar de maneira própria, abrir-se para o potencial de energia que existe dentro de cada um” Essas palavras de Krishnamurti foram ouvidas em várias regiões do planeta.

Saramago sempre teve este potencial de energia, que propõe mudanças para a sociedade. Em seu último blog foi colocado o trecho abaixo, extraído de uma entrevista na Revista do Expresso, Portugal, em 11 de outubro de 2008: “Acho que na sociedade atual nos falta filosofia. Filosofia como

espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objetivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objetivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma.” Esta mensagem, postada no blog Cadernos de Saramago poucos dias antes de sua morte, será um ponto de mutação e reflexão.

Acompanhei Saramago na sua trajetória de sucessos com a obtenção do Prêmio Nobel de Literatura, a incompreensão do povo de sua terra e a sua reclusão numa ilha perto da Espanha. Procurei na internet fotos desse lugar maravilhoso e vejo que até nisto Saramago se parece com Krishnamurti, grande pensador contemporâneo, que também gostava da natureza e fazia suas caminhadas diárias pelas praias de Adyar, em Chennai, na Índia.

De sua ilha, Saramago se comunicava com o mundo inteiro, usando como recurso a facilidade dos meios de comunicação atuais destinados ao mundo contemporâneo.

Segui seus passos pela internet, coloquei-o como referência nas páginas do meu blog. Os Cadernos de Saramago me ensinaram muito sobre a cultura e a política de além-mar. Admirei sua adaptação às mídias do momento e, quando inaugurei o meu blog há um ano e meio atrás, tomei-o como exemplo. Foi um estímulo para continuar neste caminho: divulgar meus artigos sem depender de editoras ou jornais, escrever o que eu quero, escolher minhas imagens. Tudo isto é muito importante para uma pessoa que já não pode viajar tanto, mas continua viajando através dos sites, blogs e Facebook. Ainda não cheguei a conversar com as pessoas pelo “Skype”, mas algum dia chegarei lá.

Às suas ideias acrescento aqui o exemplo de Guignard, considerado um dos maiores professores de arte do Brasil que sempre valorizou o despertar de uma nova ideia. Ele não propunha regras acadêmicas para o aluno, mas ao ver uma possibilidade diferente no desenho exclamava com alegria “Coisa nova”! Assim podíamos caminhar do formalismo condicionado para o novo, o inesperado que surgia a cada instante. E acrescento também uma frase de Van Gogh ao seu irmão Theo. “A diferença entre os artistas acadêmicos e os modernos é que os modernos são mais pensadores”. Este foi o caminho para a arte contemporânea que incentiva a arte como ideia criadora.

26 de junho de 2010

PISEAGRAMA, UMA IDEIA CIRCULANTE



Fotos: internet

Roberto Andrés, meu neto, nasceu no dia 12 de dezembro, aniversário de Belo Horizonte. Hoje ele é um dos grandes defensores do direito do cidadão de ocupar o espaço público.

Belo Horizonte, cidade cuidadosamente planejada no início do século XX, cresceu de forma desordenada. Seu traçado perdeu-se há muito tempo com a verticalização de vários bairros e o sufoco do asfalto.

Belo Horizonte já foi denominada cidade jardim, me lembro do cheiro de “damas da noite” quando percorríamos as ruas da cidade. Lembro-me também do tempo em que eu atravessava a avenida Afonso Pena, toda arborizada com árvores copadas, refrescantes. Brincávamos no Parque Municipal, fazíamos pic nic ali, à sombra das árvores. Roberto me fez reviver esses tempos, com o aniversário de sua filha Rosa Maria. Levaram os “comes e bebes” para as crianças, e ali no gramado do parque, foi comemorado o aniversário da minha bisneta.

A revista PISEAGRAMA, organizada por Roberto Andrés e sua esposa Fernanda Regaldo, nasceu desta necessidade transgressora de ocupar o espaço público, pisar na grama, fazer pic nic, alegrar as crianças com pipocas e balões, longe do sufoco das salas de festa enfeitadas com desenhos

de Mickey Mouse.

Ali no parque, elas puderam participar diretamente do encontro com a natureza à sombra de árvores centenárias. Antigamente havia até um zoológico no Parque Municipal e meus filhos eram levadas para visitar os macacos e oferecer para eles bananas e outras frutas.

No momento, Roberto procura reviver aspectos humanos do passado, esquecidos por completo nos tempos modernos.

PISEAGRAMA ganhou novas direções, ampliou seu campo para um espaço maior: camisetas com mensagens ecológicas e sociais foram criadas para uso das crianças, e bolsas coloridas andam pela cidade, entram em supermercados, levando e trazendo mercadorias, objetos e coisas do consumo. As pessoas levam e trazem mensagens escritas nas bolsas e, mesmo sem que o percebam, vão levando e trazendo o pensamento ecológico e social de Roberto e Fernanda. A ideia de colocar mensagens nas camisetas e bolsas, é uma forma discreta e genial de fazer propaganda, divulgar pensamentos. Silenciosamente, sem grandes manifestações, essas mensagens ambulantes vão abrindo a consciência das pessoas: “Nadar e pescar no Arrudas”

“Ônibus sem catracas”, “Uma praça por bairro”, “Carros fora do centro”, “Parques abertos 24h”, etc.

“PISEAGRAMA” aparentemente transgride, mas sobretudo está construindo e reeducando os governantes e a população de um modo geral.

No momento, os mesmos dizeres, impressos em cartões coloridos, formam um painel que está exposto no Itaú Cultural, em São Paulo.

“PISEAGRAMA” atravessou as fronteiras de Minas, desceu as montanhas e continua a sua divulgação em outros estados do Brasil.

15 de dezembro de 2014

REVISTA PISEAGRAMA NA BIENAL DE ARQUITETURA EM VENEZA



Fotos: internet

PISEAGRAMA é uma revista de jovens que aponta novas soluções e novos caminhos para o futuro das cidades. Ela vê o povo que habita a cidade, aquele que, depois do trabalho se enfileira nas calçadas para pegar ônibus. O cidadão se aperta para conseguir um lugar para sentar-se, tem de

pagar passagem, passar pela catraca. “Na Europa não existe catraca nos ônibus”, nos falou um jovem italiano.

Converso com meu jardineiro: “Tenho que tomar três ônibus para chegar em casa, o primeiro daqui do Retiro até o Centro, de lá outro até São Gabriel e aí outro para casa. Só chego em casa, em Santa Luzia, às 6 horas da tarde, passo 3 horas viajando para chegar aqui e 3 horas viajando para voltar”.

PISEAGRAMA é uma proposta social. Enxerga o problema de toda a população e propõe soluções novas. Ônibus gratuitos, como em algumas cidades do mundo, tornam a cidade acessível e democratizam o acesso aos lugares. Trata-se de uma política cultural.

Voltemos à Revista, às suas propostas para uma sociedade mais justa, que enxerga o lazer como uma necessidade, o respeito ao patrimônio como causa justa e a ligação com a natureza como fundamental. PISEAGRAMA é uma das grandes iniciativas criadas no momento cujas ideias ultrapassam os interesses materialistas de uma sociedade corrompida pelo dinheiro, onde os valores essenciais estão sendo ignorados em favor da ambição e do poder. A ambição desmedida está derrubando montanhas, destruindo nascentes, poluindo rios, sepultando na lama famílias inteiras. Um rio de lama continua descendo pelo Rio Doce...

Os grupos de jovens estão atentos a esse assunto, fotografam e dão testemunho desse desastre ecológico que a todos vem atingindo. Esses jovens já começaram a se unir porque querem um futuro melhor para seus filhos. Vejo meu neto Roberto, um dos criadores de PISEAGRAMA, carregando minha bisnetinha numa rede amarrada ao corpo, à maneira dos povos andinos e nepaleses.

As crianças assistem a tudo, não ficam em casa com as babás. Participam de encontros e picnics nos gramados dos parques e de jogos criativos nas praças das cidades. Uma praça em cada bairro é uma das propostas do grupo. “Uma praça por bairro”, “pescar e navegar no Tietê”, “carros fora do centro”, “nadar e pescar no Arrudas”, “parques abertos 24 horas” e “ônibus sem catracas” são mensagens estampadas nas sacolas coloridas. As sacolas percorrem as ruas, os supermercados, o cotidiano das cidades levando e trazendo mensagens sociais, urbanas e ecológicas para a população.

No momento, a Revista está representando o Brasil na Bienal de Arquitetura de Veneza. Não é todo dia que um grupo consegue sair de Minas para representar o Brasil numa das mais importantes mostras internacionais. O testemunho e a coragem dos jovens conseguiram quebrar o famoso eixo Rio/São Paulo para projetar Minas fora do Brasil. Parabéns aos seus criadores, parabéns a todos os participantes, jovens guerreiros das montanhas. Já foi dado o primeiro toque, segue o

entusiasmo de querer para o Brasil algo de melhor!

13 de abril de 2016

GUARDANAPOS DE CARLOS STARLING





*Fotos de arquivo

“Guardanapos” é o título do livro de Carlos Starling, escrito ao sabor do momento, nas mesas, nos jantares, nos encontros com amigos. Carlos Starling é médico infectologista, especialista em Medicina Preventiva e Social, mestre e professor de Medicina, poeta, escritor, gourmet e ciclista. Logo de cara, me simpatizei com o livro, pois também escrevo em qualquer papel que estiver à minha frente. Somos escritores repentistas, do momento. Guardanapos, escrito em guardanapos, é um depoimento sensível das vivências de um médico, cientista, escritor, pai de família. Nada escapa à sua visão da vida, o mundo externo provocando palavras, rimas poéticas.

O dia a dia de um poeta é registrado no seu cotidiano, no trem que passa, nas filhas brincando, nas vivências íntimas de um médico escritor...

Aliás, por que os médicos, de um modo geral, gostam tanto de arte?

Meu marido, Luiz Andrés, não escrevia poemas, mas apreciava a arte, enxergava o futuro de seus familiares artistas, dava incentivo e preparava para mim telas enormes...

Fico pensando no quanto devo a ele o incentivo e coragem para seguir em frente. Ele me dizia sempre:

“Artista não pode ficar parado aqui em Belo Horizonte, tem de conhecer outros lugares.” E com este incentivo tive coragem de me aventurar pelo mundo...

Mas, voltemos ao nosso amigo Carlos, casado com minha neta Joana.

Agora tenho nas mãos o seu livro e volto a refletir sobre o médico poeta.

A medicina é também uma arte, a arte de cuidar do ser humano, tornar mais leve o seu sofrimento, curá-lo.

No momento, tendo Joana ao seu lado, Carlos pesquisa sobre o papel que está em sua frente,

no restaurante, enquanto espera o almoço chegar.

É ali, naquele momento, que a poesia vem à tona em sua intensidade. Quantos guardanapos seriam necessários para um poema intensivo como “Síria”?

Da sua coletânea este poema é o que mais nos toca quando a Síria está sendo destruída e arrasada pela ira dos canhões.

O problema dos refugiados, da Síria destruída ali está registrado de forma poética.

“Guardanapos” é uma coletânea de 26 poemas de centenas escritos por Carlos. O livro foi idealizado e produzido por sua esposa Joana Caporali Andrés Starling. Produzido secretamente, o livro foi um presente de aniversário de Joana para Carlos, e apresenta um pequeno recorte de décadas de escrita.

SÍRIA

Fujo para a vida,
Lanço minha sorte ao mar.
Deixo meu quintal,
Meu parreiral,
Meus lírios que não floriram.

Ondas levam meus sonhos,
Meus filhos,
Meus álbuns de família.

Ancoro num deserto de farta solidão,
Sou um número,
Uma onda dissonante,
Uma imagem repetida.
Abro os olhos do mundo
Para o futuro incerto...
Amor é o que espero,
Vida é o que quero,
Apenas vida.

Síria, Síria,
Minha Síria,
Otomana, desértica,
Minha Síria, Assíria, Curda, Turca,
Minha Síria Grega, Armena,
Minha Síria Druza,
Sunita, Alaudita...
Bendita
Minha Síria Yasidi,
Árabe e Cristã.
Minha Síria tiranizada,
Arrasada pela ira dos canhões insensatos...
Minha Síria milenar,
Romana,
Francesa,
Levante,
Levante...
Abraça seus filhos com carinho.

Minha Síria plural,
Plana, Fértil,
Eufrates.
Onde foram seus filhos?!
Abraça-os, abraça-os...
Minha Síria Damasco,
Alepo,
Latakla,
Hama,
Ama teus filhos,
Para onde foram teus filhos?!
Abraça-os...
Levante...

Levante...

Minha Síria de Bana Alabed,

De Bana e Fatermah

Pede paz,

Paz é o que pede Bana Alabed...

Paz Levante.

Levante paz...

(Novembro de 2016)

7 de fevereiro de 2017

O TRABALHO DAS MÃOS



Fotos: internet

Atualmente, o artesanato tem sido estimulado, não somente nos países menos desenvolvidos, mas também nos industrializados. Se no Oriente constitui forma específica de trabalho, no Ocidente é o recurso de equilíbrio para o homem que vive da civilização mecanizada. Através do artesanato, ele realiza sua atividade criadora, latente em qualquer ser humano. “Neste mundo que se coletiviza, é indispensável encontrar na criatividade a sobrevivência do homem. O homem que não é e jamais será máquina, pois é senhor de todas as máquinas, está sendo ameaçado pela sua própria criação”. Nesta época de vida mecânica, de saturação de ideias, de telenovelas, de repetição de slogans, a criatividade seria a forma de continuarmos a ser gente e não “robôs”.

Observando as barracas de arte de N. Delhi, lembro-me de Minas Gerais, das joias de prata de Tiradentes, da feira de arte da Praça da Liberdade. É realmente necessário no mundo de hoje o trabalho que o homem faz com as próprias mãos. Vejo agora este indiano fabricando uma joia. Ele cria uma obra única, pois nunca será repetida exatamente. Há sempre uma pequena diferença

marcando a pulsação das mãos, uma energia vital que a máquina não pode transmitir. O trabalho manual integra o homem ao seu meio. A máquina não pode sufocá-lo. Seja como “hobby” ou profissão, como forma de terapia ou sobrevivência, o trabalho das mãos tem o seu papel que é fundamental e necessário. A aceleração do progresso tecnológico vai sufocando aos poucos todos os nossos recursos internos. A máquina tirou das mãos do homem o trabalho paciente (time is money) os computadores restringem seu raciocínio. A civilização nos trouxe a rapidez de produção e todas as facilidades para a aquisição de conhecimentos, mas, a criatividade é necessária para restabelecer o equilíbrio do homem moderno. Criatividade que vai do arranjo de flores num vaso ao modelado do próprio vaso de argila. Da necessidade de combinar cores à necessidade de combinar sons ou palavras. Mas, seja modelando a matéria palpável, ou lidando com ideias, palavras e sons, a criatividade humana terá de se manifestar, caso contrário, o homem se massificará.

4 de agosto de 2015

FORO ÍNTIMO, UM FILME DE RICARDO MEHEDFF



*Fotos de Ricardo Mehedff

O drama

Se desenrola
Com poucas palavras.
Cinema é imagem
Em movimento.
É luz e sombra
É expressão facial
É respiração.
O juiz procura
Um médico.
O coração bate.
São noites de insônia.
Tudo isto vai sendo passado
Na tela.
É a vida
Daquele que vai
Julgar,
Que vai decidir o
Destino de alguém.
Vou descobrindo o drama
Através das imagens.
Isto me faz lembrar
O cinema mudo.
As lentes do cineasta
Vão descobrindo
Formas geométricas
No telhado.
Depois vem a luz.
Há o passo vagaroso
Em busca de mais luz
Um corredor à frente a percorrer.
É preciso julgar.
(E como é difícil julgar)
Todo julgamento é difícil

Penoso.
O filme nos mostra
Sem diálogos
Sem palavras
Apenas com a intensidade
Da música
A intensidade da sombra
A intensidade da luz
O drama da vida.
Muitas vezes somos juízes.
(eu detesto fazer parte de júri)
Escolher o melhor quadro
Gera conflitos, ansiedades
Que não existiam antes.
É a melhor forma de
Ganhar inimigos.
Este juiz está me fazendo recordar
As vezes em que tive de julgar em Salões.
Fiquei ansiosa no cinema
Mas este filme
Consegue comover o espectador
Porque é direto, sem artifícios.
Não tem cenários espetaculares
Nem recursos extraordinários.
Ele retrata a vida
E a vida é direta e simples.
A vida pertence a todos nós.

24 de julho de 2017

LOBOSTOCK



*Fotos de arquivo e da internet

“Em agosto de 1969, aconteceu o Festival de Woodstock, nos EUA.

O festival exemplificou a era da **contracultura** do **final da década de 1960** e começo de **70**. Trinta e dois dos mais conhecidos músicos da época apresentaram-se durante um fim de semana por vezes chuvoso, para 400 mil espectadores. O evento original provou ser único e lendário, reconhecido como um dos maiores momentos na história da música popular.

Mesmo contando com uma qualidade musical excepcional, o destaque do festival foi mesmo o retrato comportamental exibido pela harmonia social e a atitude de seu imenso público.” (Retirado da internet)

Inspirado no Woodstock, um grupo de jovens músicos mineiros se reuniram numa fazenda em Entre Rios de Minas, situado no Campo das Vertentes. Tivemos a oportunidade de assistir à segunda edição do “Lobostock”. O poema abaixo é uma homenagem a essa iniciativa, que obteve um excelente resultado.

LOBOSTOCK

Fomos convidados

Para o Lobostock
No Campo das Vertentes
Entre Rios de Minas
Onde nasceu o IMHA.
Nasce agora
Um grupo de jovens
Movimento pacífico
De jovens guerreiros
De uma claridade
Que está surgindo.
Ela está presente
Nos olhos brilhantes
Na voz que ressoou
Pelas montanhas.
Minas é terra de
Muita luz.
A arte abre
Caminho
Para o futuro.
Faz escuro mas
Eu canto
Dizia o poeta
Tiago de Melo
Nos tempos da
Ditadura.
Faz escuro no
Entorno mas
Um novo canto
Surge vindo
Das vertentes
Mostrando
Que a esperança
Está nos jovens

Assentados
No gramado.
No tablado
Em frente
Há música
De qualidade.
Vozes que já
Ecoaram
Pelo mundo
Afora
Agora se
Reúnem
Neste palco.
Vozes da América
Latina
Que ressurgem
Como um canto
De paz
Tirando música
Da natureza
Do canto dos
Pássaros
Da percussão
Das rãs
Que chacoalham.
O sol desaparece
E a lua cheia
Surge brilhante
Sobre os campos
Das vertentes.

Parabéns a esta iniciativa, que teve incentivo constante de Cláudia Duarte, a fotógrafa do grupo! Na equipe do festival, além de Cláudia, os seus filhos Tomaz Duarte Lobo, Pedro Duarte Lobo,

além de Estevão Mascarenhas, David Mascarenhas, Filipe e Alexandre Andrés.

Foi um dia inteiro de apresentações, no Vale dos Lobos (fazenda de Cláudia Duarte)! O dia começou com artistas realizando atividades como slackline, slackwater (pessoas se equilibravam em um elástico entre árvores e sobre uma lagoa), livepainting, tenda da cura e muito mais. Às 16:30 começaram os shows! A abertura foi de Flávio Tris, cantautor de São Paulo, na sequência 'Haru' (Alexandre Andrés e Rafael Martini), Maíra Baldaia, Rosa Neon e Pequena Morte. As DJs Naroca e Sandri discotecaram entre os shows e fizeram uma apresentação para fechar a festa.

Além de todas as atrações pudemos contemplar o palhaço Maisena, suas trapalhadas e malabarismos e uma linda exposição de fotografias, com vários fotógrafos envolvidos.

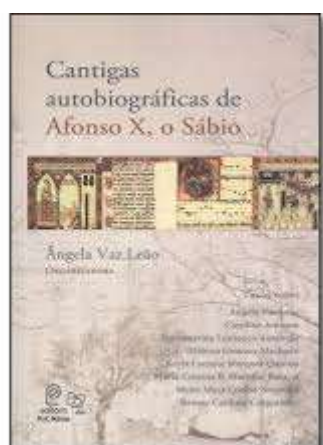
Naquela fazenda estivemos com cerca de 150 pessoas, dentre elas a ilustre presença de Áurea Carolina. Eleita deputada federal em MG, veio de Brasília prestigiar os espetáculos.

A esperança vem destes grupos pequenos que atuam em conjunto dispensando leis de incentivo. É a própria energia coletiva que está produzindo um som novo, um novo caminho, uma política nova.

Áurea Carolina é jovem, foi eleita deputada federal com o entusiasmo dos jovens. Está em Brasília defendendo nossas montanhas, a cultura e a educação brasileira, além do direito das mulheres!

1 de maio de 2019

UM POEMA PARA AFONSO X, REI DE PORTUGAL





Fotos: Internet

Nunca é tarde para aprender. Cada dia que passa aprendo algo de novo. Cada aprendizado é acompanhado de muita alegria.

Recentemente, tive acesso ao livro de Ângela Vaz Leão, professora e pesquisadora da UFMG. Ela escreveu o livro *Cantigas autobiográficas de Afonso X, "O Sábio"*, publicado pela PUC/Minas, contando a vida de um rei português que viveu na época medieval. Ângela organizou um grupo de estudos sobre a obra do rei Afonso X. "Há um interesse mundial pela poesia de Afonso X, especificamente as *"Cantigas de Santa Maria"*, nos diz ela, no início do trabalho." O livro me foi enviado pela internet, página por página, através da boa vontade de Sonia Laboriau, artista e professora da Escola Guignard.

Estou descobrindo a vida deste rei, amante das artes e devoto de Nossa Senhora. Transformou a sua devoção em poesia, através de lindas iluminuras medievais. A vida e a arte de Afonso X e os

costumes da época podem ser vistos e ouvidos no YouTube como “*Cantigas de Santa Maria*”, uma integração de música, pintura, poesia, história, religião e filosofia.

Afonso X é uma fonte de inspiração para todos os artistas, na medida em que dava mais valor às artes do que às armas.

Me identificando com as ideias de Afonso X, escrevi o poema abaixo.

AFONSO X

Foi um rei de Portugal

Muito à frente

De seu tempo.

Sua voz conseguiu

Atravessar montanhas

Vales e mares.

O agora deste rei

É o nosso agora

De hoje.

Antepassado de

Todos,

Modelo de nossa história

Foi apontando o roteiro

De um futuro luminoso.

Considerado o “Rei Sábio”

Uniu a Europa

Em conflito.

Não gostava de guerras

Mas de arte.

Mecenas dos trovadores

Dos poetas
Dos cantores.
Afonso, você nos fala
Como se agora
Vivesse.
Traduzindo vários
Livros de muitas
Religiões
Apontou o ecumenismo
Como caminho
De paz.
E conduziu
Trovadores
Como
Arautos de um
Modelo de energia positiva.
E na distância
Do tempo
Você está
Vivo, hoje.

6 de outubro de 2020

SOBRE A ORQUESTRA 415 DE MÚSICA ANTIGA



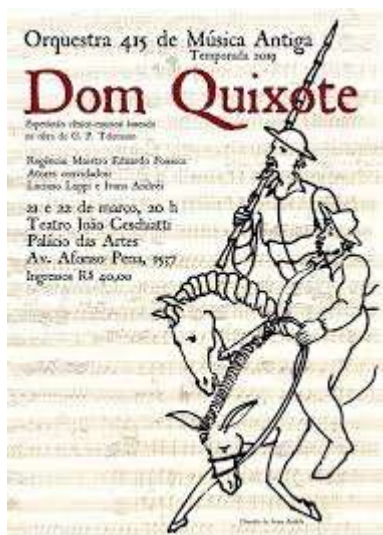
A Orquestra 415 de Música Antiga foi criada em 2012 com o objetivo de oferecer ao público um espetáculo único: executar as obras dos grandes gênios barrocos de uma maneira singular. Iniciativa pioneira em Minas Gerais, a Orquestra 415 de Música Antiga tem como seu diferencial a utilização de instrumentos como o traverso, a viola da gamba, o violino barroco, a flauta doce, o violoncelo barroco, a guitarra barroca, o alaúde e a espineta. Todas réplicas dos instrumentos utilizados nessa época. Essa particularidade e o requinte na interpretação das músicas recriam uma sonoridade única, muito próxima àquelas que as pessoas da época ouviam.

Em suas apresentações, a Orquestra recria uma oportunidade bastante peculiar: ouvir uma obra barroca de um grande compositor do período, tocada por instrumentos para os quais as músicas foram compostas. Provocando, assim, uma experiência única e rara, como uma viagem no tempo através de um espetáculo singular, agradável e transcendente.”

23 de abril de 2019

ANDRÉ SALLES COELHO





*Fotos Da Internet

A vida é uma descoberta diária. Passo a passo ela nos mostra o novo, sem aviso prévio. Meu sobrinho André de Salles Coelho, além de músico, compositor e fotógrafo é diretor da Orquestra 415 de Música Antiga, criada em 2012 com o objetivo de oferecer ao público um espetáculo singular: a audição das obras dos compositores dos séculos XVII e XVIII com instrumentos de época (réplicas de originais tocados no período).

Isto permite ao ouvinte uma sonoridade semelhante às audições de séculos atrás, muitas vezes executadas dentro de igrejas ou em salões da corte. São verdadeiras joias do passado, pedras reluzentes de mentes criativas que muitas vezes ficaram esquecidas na distância do tempo.

André se dedica também à pesquisa de nossas origens africanas, aos ritmos do coco e do maracatu. Há anos ele dirige o grupo “Maracatu Lua Nova”, que participa de eventos folclóricos tradicionais, como reisados e congados, revitalizando a tradição da cultura afro em Minas Gerais.

André é também um pesquisador de árvores genealógicas.

Ele descobriu que o Dom Afonso X é antepassado de todos nós e que Ângela Vaz Leão é nossa parente por parte de meu pai Euler de Salles Coelho.

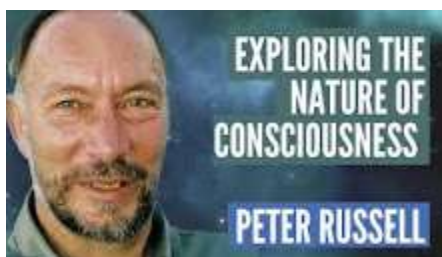
Ouvindo as “*Cantigas de Santa Maria*” me lembrei da *Orquestra 415*, tendo como tema *Dom Quixote*. Naquela apresentação havia também uma síntese das diversas artes: teatro de bonecos, música, poesia e artes plásticas. A arte medieval veio à tona neste século XXI como forma de reinventar a arte do nosso século.

12 de junho de 2021

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO I

Transcrevo aqui trecho de meu livro “Os Caminhos da Arte”:

“O século XX proporcionou ao planeta grandes transformações, causadas sobretudo pelos diferentes meios de comunicação. Peter Russell, físico e educador inglês, assim se expressa sobre a interconexão global:



A revolução nas comunicações promoveu a integração da humanidade em um único sistema de aprendizagem. O potencial para o intercâmbio de ideias e experiências, que começou com a emergência da linguagem, é agora mundial.

Satélites artificiais, fibras ópticas, códigos digitais, ligações computadorizadas, fax, terminais de vídeo e outros avanços nas telecomunicações entreteceram uma teia de informações cada vez mais espessa que flui ao redor do mundo – bilhões de mensagens enviadas e recebidas à velocidade da luz.

Nós, os bilhões de mentes deste imenso “cérebro global”, estamos sendo unidos pelas “fibras” dos nossos sistemas de telecomunicações do mesmo modo como se unem os bilhões de células em nosso próprio cérebro.

Através dessa rede de luz rapidamente crescente, podemos compartilhar ideias e experiências não apenas com as pessoas ao nosso lado, mas com qualquer pessoa em qualquer lugar do planeta.

Com o advento da internet, o mundo tornou-se cada vez mais uma aldeia global, navegando em todo o tipo de informação. Se por um lado constatamos que a internet está sendo usada como um veículo de informações negativas, por outro, ela pode ser considerada um dos principais instrumentos para derrubar fronteiras e aproximar os povos, e usada para a formação de uma nova consciência.

Tendo acompanhado o acelerado processo de evolução dos meios de comunicação no

decorrer do século XX, da era do rádio à internet, gostaria de citar alguns exemplos de manifestações artísticas que me sensibilizaram de forma positiva:

Charles Chaplin, em *Tempos Modernos*, denunciou o mecanicismo da civilização industrial, que considerava o ser humano como simples peça de uma engrenagem. A mensagem desse filme, divulgada em diversos países, de certa forma deve ter contribuído para conscientizar os empresários da necessidade de melhorar a qualidade de vida nas empresas.



O filme *Central do Brasil*, de Walter Salles Júnior, aplaudido internacionalmente, nos mostra o cotidiano do povo brasileiro, tendo como cenário duas regiões distintas do Brasil: o Rio de Janeiro, com todos os problemas de uma grande metrópole, e o Nordeste, com suas manifestações populares e religiosas. Walter Salles Júnior conseguiu captar a alma do povo brasileiro, enfatizando seu lado humano e afetivo.

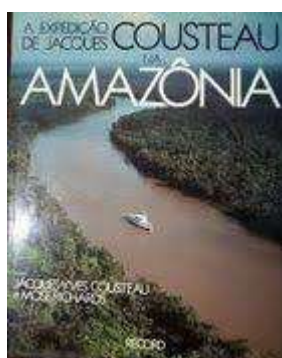


O filme iraniano *Filhos do Paraíso*, dirigido por Majid Majidi, está longe dos padrões de violência e sexo da maior parte dos filmes atuais. Nele redescobrimos valores eternos e simples da humanidade, como a honestidade e a dignidade, em meio a uma sociedade de contrastes. O cotidiano, transmitido de uma forma poética, revela a sensibilidade do diretor. Esse filme pode ser considerado uma referência que interessa a todas as faixas etárias.

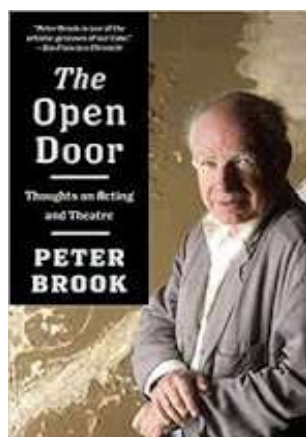


Se a arte pode ser considerada uma forma de denúncia dos problemas sociais, ela também pode ser instrumento para conduzir o ser humano na redescoberta da harmonia e beleza que lhe são próprios.

Jacques Cousteau, cineasta e ecologista de renome mundial, revelou para a humanidade, com seu documentário sobre os oceanos, um universo até então desconhecido, chamando a atenção para a importância de se preservar o planeta.



Peter Brook, consagrado diretor teatral inglês, no seu filme Encontro com Homens Notáveis, rodado nas montanhas e planícies do Afeganistão, relata a vida de Gurdjieff e sua trajetória em direção ao Conhecimento. Gurdjieff criou sua própria síntese, integrando ensinamentos das tradições cristã, armênia, islâmica, sufi e budista a manifestações artísticas como a dança e a música."(Caminhos da Arte, Editora C/Arte)



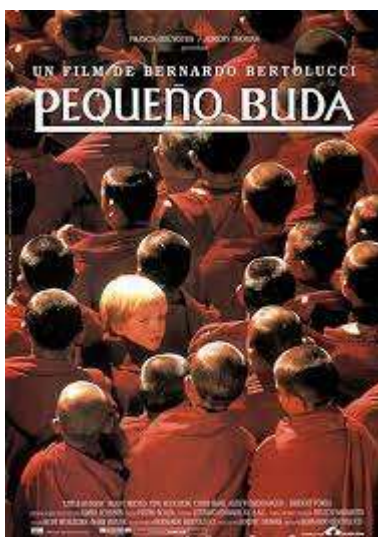
*Fotos da internet

22 de maio de 2021

MEIOS DE COMUNICAÇÃO II

Dando continuidade ao capítulo extraído do meu livro “Os Caminhos da Arte”, transcrevo o texto abaixo sobre os meios de comunicação:

O Pequeno Buda, dirigido pelo grande cineasta italiano Bernardo Bertolucci, pode ser considerado uma obra-prima do cinema. O filme nos mostra a realidade atual de uma família nos EUA, na qual nascera uma criança tida como reencarnação de um lama tibetano. Numa viagem no tempo, Bertolucci nos conduz ao século VI a.C., no norte da Índia, onde Sidarta, o Buda, nasceu. Cenas como o nascimento de Buda, sua juventude e a experiência da Iluminação são de uma beleza inesquecível, e nos mostram a competência e a sensibilidade do diretor. Bertolucci nos transmite aspectos importantes dos ensinamentos budistas, como as causas do sofrimento humano, o amor e a compaixão por todos os seres vivos.



Em 1994, tive oportunidade de ver a II Mostra Internacional de Vídeo New Age, organizada pela jornalista Mirna Grizch e apresentada em várias cidades brasileiras.



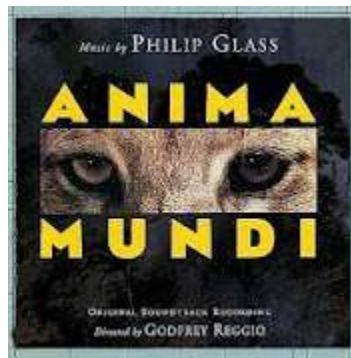
O vídeo Water Colors, dirigido por Michael Boydstun, nos apresenta uma visão dinâmica do nosso planeta, “gigantescas florestas e formações rochosas estranhas”, que levam o espectador a admirar a beleza da terra em que vivemos.



Chronos, de Ron Fricke, nos apresenta “uma incrível jornada através do tempo” e nos oferece a oportunidade de contemplar todas as culturas e obras de arte produzidas pelo ser humano.



Em Anima Mundi, com direção de Godfrey Reggio e música de Philip Glass, observamos as espécies vivas da Terra no olhar assustado dos animais, que temem a aproximação do homem.

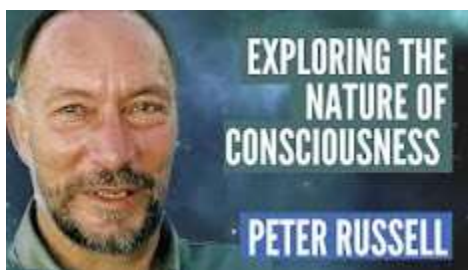


Peter Russell teve a capacidade de concentrar num vídeo de 30 minutos denominado O Buraco Branco no Tempo toda a história do ser humano; enfatiza aspectos como o desenvolvimento tecnológico, a ecologia e a espiritualidade e vislumbra uma perspectiva otimista para o futuro da humanidade.



John White considera que a arrasadora visão do livro que originou este vídeo está firmemente embasada na ciência e na razão, mas não é por elas limitada. Russell trata com sensibilidade, das inquietações comuns à humanidade – nossas esperanças, medos, fracassos, alegrias – e do nosso potencial para a paz mundial e a felicidade pessoal através do entendimento de nós mesmos.

Peter Russell diz que a próxima grande fronteira na evolução não é o espaço exterior, senão o espaço interior. Nós poderíamos, ele conclui, estar no limiar de um momento para o qual a vida tem sido construída ao longo de bilhões de anos, um clímax revolucionário muito mais profundo do que a maioria de nós sequer ousou imaginar.



Ali foi apresentado também o vídeo *O Ponto de Mutação*, de Fritjof Capra, conhecido físico ocidental que aborda questões da ecologia, economia e política. Em seu livro *O Tao da Física*, Capra faz uma analogia entre a física quântica e o Taoísmo chinês. Todas essas diferentes formas de manifestações artísticas conduzem a uma mudança no interior do ser humano e trazem novos valores para uma humanidade em transformação.



*Fotos da Internet

12 de junho de 2021

VIDA PLENA

Transcrevo aqui um dos textos contidos no livro de Thomas Merton, "A via de Chuang Tzu":



“Na época em que a vida na terra era plena,
ninguém dava nenhuma atenção
aos homens dignos,
nem selecionava os homens capazes.
Os soberanos eram apenas
os galhos mais altos das árvores,
e o povo era como cervos na floresta.
Eram honestos e corretos,
sem imaginar que
“estavam cumprindo com o seu dever”.
Amavam-se mutuamente,
e não sabiam que isso
se chamava “amor ao próximo”.
Não enganavam a ninguém,
e, no entanto,
não sabiam ser “homens de confiança”.
Podia-se contar com eles,
e ignoravam que
isto fosse a “boa fé”.
Viviam juntos livremente,

dando e recebendo,

e não sabiam

que eram homens de “bom coração”,

Por este motivo,

seus feitos não foram narrados.

Não se constituíram em História.” (A via de Chuang Tzu, Thomas Merton)



Fotos da Internet

QUINTETO "DONAS DA VOZ"

A internet proporcionou ao planeta grandes transformações causadas sobretudo pelos diferentes meios de comunicação.

Tendo acompanhado o acelerado processo de evolução desde a era do rádio até a internet, gostaria de mostrar um exemplo muito interessante de um coral regido à distância, cada integrante na sua casa.

Trata-se de um grupo de cantoras do Rio de Janeiro denominado "Donas da Voz". Nesta época de pandemia, quando todo mundo permanece em casa, este grupo de cantoras aparece como uma luz, para mostrar o que a criatividade coletiva pode nos oferecer como estímulo para a vida.

"Várias vozes que se tornam uma só voz".

Um treinamento individual feito com a maior competência, cada uma dentro de sua própria casa, é revelado ao público.

Passo agora a palavra para os integrantes do quinteto, regido por Deco Fiori, para dar maiores

informações sobre o grupo.



DECO FIORI

“Toda voz é única, duas iguais não há.

Tal qual impressão digital, cada voz é a marca de uma pessoa, da sua personalidade, seu jeito, seu modo de se colocar e se expressar.

A mágica do grupo vocal consiste em juntar vozes diferentes, únicas, e transformá-las em algo novo e, por que não dizer, revolucionário.

Donas da Voz. Que belo e pertinente esse nome que descobrimos pra batizar esse incrível quinteto vocal, formado por mulheres admiráveis, literalmente donas das suas vozes ressoando vida afora, e que se unem aqui na busca da beleza, da criação do novo, do frescor da arte, da harmonia do convívio e da realização do sonho da música, um sonho coletivo que segue nos embalando por aí por todo o sempre...”



ROSÁRIO NICOLACI

“Nosso quinteto nasceu há um ano, mas a gente já tinha sonhos antes dele nascer: construir um lugar de alegria, de afeto, de descontração, numa relação democrática, com cantores apaixonados pela música, com qualidade vocal, compromisso com o resultado e em busca da

emoção.

Combinamos selecionar um repertório que não fosse lugar comum, com músicas de qualidade, na melodia, na letra e acima de tudo, com mensagens que levassem nossa emoção até a plateia!

Neste primeiro ano de aniversário, já estamos vivendo este sonho, da emoção dividida, e multiplicada... Cada um na sua voz, formando uma só voz!”



JUDITH VINHAES

“Em plena pandemia um convite: que surpresa!

Que delícia!

Amiga de tempos de outrora, agora no celular, a me chamar para cantar.

Na magia da vida, um novo formato, novos parceiros, novas amizades, nova forma de viver a música que tanto amo.

Cinco vozes, um maestro e músicas lindas, receita perfeita.

E sendo a vida a arte do encontro, após um ano, já somos Donas da Voz!!”



IGNÊS PEIXOTO

“Nosso quinteto principiou como uma forma de resistência do nosso desejo de cantar, no anseio de recolocar a voz de forma harmônica num canto uníssono que pudesse nos gerar novas

intensidades através da experiência sonora compartilhada. Juntamente com as alegrias próprias do cantar e as emoções que despertam, estarmos juntas nessa aventura tem sido uma experiência ímpar e enriquecedora em tantos e múltiplos sentidos. Musicalmente e existencialmente, atravessarmos esses tempos pandêmicos mantendo os encontros permanentes semanais, com nossos olhos se mirando pela telinha, soltando a voz, donas delas, e aprimorando nosso cantar regidas pela delicadeza e talento de nosso maestro, foi fonte de um grande aprendizado, beleza e suporte para nosso melhor viver e conviver nessas épocas. Nessa boa rede é que navega nosso canto!

"Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente — o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura." Guimarães Rosa"



PAULA CALDAS

"Sempre gostei de cantar e nessas andanças cantantes pela vida, participei de alguns corais. Tive a oportunidade e o privilégio de ter o encontro musical e de afinidades com Rosário, Ignez, Guida e mais recentemente Judith. Nos reunimos no intuito de buscar um novo caminho nesta magnífica aventura de cantar e produzir sonoridades que pudessem nos emocionar e nos transportar para outro lugar, sobretudo nesse momento de pandemia e confinamento. Cada voz com seu timbre e beleza ao se unir com as outras, produz um efeito especial de nuances e detalhes que enriquecem a melodia. Cantar em grupo é uma experiência de rara beleza e generosidade, pois o grande barato é produzir essa comunhão musical. A alegria de cantar de todas nós fez nascer "As Donas da Voz" e tem sido muito gratificante essa experiência."

GUIDA SILVA



No repertório:

1. Sapato Velho: Cláudio Nucci, Mu, Paulinho Tapajós
2. Because: The Beatles (John Lennon & Paul McCartney)
3. Canto do povo de um lugar: Caetano Veloso
4. Canção amiga: Carlos Drummond de Andrade & Milton Nascimento
5. Mar e Lua: Chico Buarque
6. Helplessly hoping: Crosby, Stills & Nash
7. Fato Consumado: Djavan
8. Vilarejo :Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown, Marisa Monte & Pedro Baby

Foram gravados dois vídeos, ~Mar e Lua” e “Helplessly Hoping”.

Para assistir os dois vídeos, favor acessar no Youtube:

<https://youtu.be/JFXNNYezZus> - “Helplessly Hoping”

https://youtu.be/cW_CZ8dc4nE - “Mar e lua”

Sob a direção musical de Deco Fiori, o quinteto “Donas da Voz” é integrado por:

Rosário Nicolaci, Judith Vinhaes, Ignês Peixoto, Paula Caldas e Guida Silva.

*Fotos De Arquivo

24 de outubro de 2021

SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO SOBRE “O AMOR”

Na segunda feira, dia 14 de fevereiro, tivemos a surpresa e a alegria de assistir ao espetáculo inédito de um conjunto de artistas latino-americanos mostrando como a arte pode ajudar na integração dos povos. Essas ideias surgiram há muitos anos com a criação do Instituto Imersão latina.



No dia 14, Ivana Andrés e Luciano Luppi apresentaram um show poético e musical sobre o tema do amor, em comemoração ao dia de San Valentin. O show foi realizado na sua casinha inserida no meio de uma floresta, na região de Macacos Nova Lima. Há muitos anos este casal construiu com as próprias mãos, no martelo e no serrote, esta casa alternativa sem luz elétrica (por opção).



Ali o luar pode ser visto em toda a sua exuberância e os vagalumes voam atrás das velas, procurando de onde vem aquela pequena chama luminosa. O show realizado à luz de velas assemelhava-se a um quadro de Rembrandt em movimento, luz e sombra se harmonizando. O impacto desta visão iluminada por simples velas lembra-nos a nossa dependência à tudo que foi trazido pela eletricidade.

Ao mesmo tempo, nos traz um tempo de harmonia com o ciclo do dia e da noite, bem como com o ritmo da natureza. E como consequência a volta à nossa verdadeira natureza essencial.



Segue depoimento de Brenda Marques, apresentadora do Semanário Latino-americano:

Instituto Imersão Latina - Imel



Somos uma associação de escritores, jornalistas, produtores culturais, pesquisadores e artistas independentes, formada por ativistas que se preocupam em defender e mostrar toda a diversidade cultural, ambiental e de ideias da América Latina. A diversidade cultural, a comunicação como direito e a acessibilidade aos bens culturais impregnam os objetivos dos projetos do Instituto, sempre de forma coletiva.

O Semanário Latino-americano completa 1ano e no dia 14 de fevereiro celebramos o amor. Este programa que é feito em parceria desde fevereiro de 2021 é produzido e apresentado por Brenda Marques e Raul Larrosa. O programa é transmitido no youtube.com/imersaolatina, no facebook.com/escrituramigrante e radio letras.

*Fotos De Arquivo

26 de fevereiro de 2022